

PALESTRAS POR

J. KRISHNAMURTI



O j a i - 1 9 3 6

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
MCMXXXVI

Serie da 8 palèstras realizadas em
abril/maio de 1936 na California.

PALESTRAS POR

J. KRISHNAMURTI



O j a i - 1 9 3 6

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

MCMXXXVI

Ao leitor

A INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNA-MURTI tem o prazer de oferecer-vos mais um exemplar de palestras "OJAI" — 1936" proferidas por Jiddu Krishnamurti numa série de domingos consecutivos de abril e maio ultimos no local já congradado pelos ACAMPAMENTOS DE OJAI, na Califórnia.

Varias pessoas que têm ouvido ou lido as palestras anteriores são de opinião que as presentes são das mais admiraveis de quantas já realizadas pelo genial pensador.

Possa cada qual que as lê e procura viver-as, chegar a essa crescente compreensão de si mesmo, a esse desapego e profundo interesse pela auto-libertação que constituem o maior penhor de felicidade nesta nossa atribulada existencia.

São estes os votos que a Instituição formula a todos aqueles que têm a ventura de lêr e procurar compreender os pensamentos contidos neste livrinho.

A I. C. K. (Instituição Cultural Krishnamurti) foi fundada o anno passado, poucos dias

antes da partida do Snr. Krishnamurti do Brasil para o Uruguay, e conta não sómente com a sua simpatia como com sua aprovação. Seu fim principal é a publicação e distribuição immediata das suas palestras e dissertações, traduzidas em nosso idioma, para todos quantos, no Brasil e no estrangeiro, se interessam pelos problemas vitaes do individuo, livres de preconceitos de qualquer natureza. E' assim uma especie de divisão do THE STAR PUBLISHING TRUST em lingua portugueza.

Dada a importancia de que se reveste a maxima fidelidade ao pensamento original expresso em inglez, onde uma virgula, uma palavra mal traduzida podem facilmente deturpar-o, comprehende-se muito bem a necessidade deste mecanismo — a I. C. K. e o STAR-TRUST — afim de pôr ao alcance de todos os interessados as idéias do grande pensador, devidamente autenticadas.

E' portanto simples e clara a missão que se propõe realizar a Instituição, na qual presentemente temos a honra de colaborar.

“Seguramente”, diziamos, citando Arthur Stanley Eddington, professor de Astronomia na Universidade de Cambridge, em um livrinho que publicámos em principios de 1930, sob o titulo de **SCIENCIA E CONSCIENCIA**, — “esta natureza mental e espiritual que nos é propria, conhecida de nossas mentes por um intimo contacto que transcende os metodos da fisica, fornece exatamente a interpretação dos simbolos que, reconhecidamente, a ciencia é incapaz de proporcionar. No comparar a certeza das cousas espirituaes e das temporaes, não esqueçamos isto — a mente é cousa

primeira e mais direta na nossa experiencia; tudo o mais é remota inferencia”.

E’ da mesma ordem de idéias o seguinte trecho de Krishnamurti á pg. 38 de sua 3.^a Palestra, quando diz: “Penso existir um meio de compreender todo o processo do nascimento e da morte, do vir-a-ser e da decadencia, da tristeza e da felicidade. Este processo só pôde ser verdadeiramente compreendido e fundamentalmente alcançado através de nós mesmos, pois está focalizado em cada individuo.

Observamos ao redor de nós este continuo vir-a-ser e a subsequente decadencia, esta angustia e prazer transitorios, mas não nos é possível compreender este processo fóra de nós mesmos. Só o podemos compreender em nossa propria consciencia, através do processo de nosso proprio “eu”; e, se fizermos isto, então haverá uma possibilidade de percebermos o significado de toda existencia”.

A proposito de um simples trecho como este poderiam escrever-se livros inteiros; aqui estamos apenas pedindo a atenção do leitor para a importancia desta passagem.

A relatividade da ciencia está condicionada “á priori” pela relatividade de nossas sensações e o intermediario de nossos sentidos; a religião, pela inconsistencia das varias fés em opposição, pela autoridade, pelo dogmatismo.

A realidade, a verdade, Deus, não podem ser realizados, compreendidos através destas creações humanas, nem através de outrem. Segundo Krishnamurti a tal sómente chegaremos pelo caminho direto que é o do conhecimento de nós mesmos, do processo do “eu”.

Para isto não nos é dado tomar o mais provável, o que ha de comum em varias crenças, aquilo que é por todos admitido como sendo verdadeiro, na forma suggerida por Spencer. Nem basta reconhecer com Stuart Mill que “a humanidade não é infallivel; que as suas verdades, na sua maior parte, são meias verdades; que a unidade de opinião, salvo se resulta da mais plena e livre comparação de opiniões opostas, não é conveniente, e que a diversidade não é um mal, antes um bem, até que a humanidade se ache mais capaz do que no presente, de reconhecer todos os lados da verdade”. Pouco avançamos admitindo com William Hamilton e com M. Mansel, que, por indefinida que seja, nossa consciencia do absoluto, de algo de incondicionado, é positiva.

Tudo isto não deverá fazer esquecer que o ponto de partida para podermos chegar talvez um dia á realidade só poderá ser o conhecimento de nós proprios. Unicamente por ele poderemos passar além da relatividade dos nossos sentidos (em que está condicionada a ciencia, pelos seus postulados) e do bem e do mal, base da religião e da moral.

Poderemos repetir ainda com Henri Poincaré, que “a pesquisa da verdade deve ser o objetivo dos nossos esforços”; porém restará então aquella pergunta de Pilatos: que é a verdade?

A verdade frustra qualquer descrição e a ella só é possível chegar pelo conhecimento directo.

Depois de meditarmos com profundeza sobre os pensamentos que o autor singelamente mas com verdadeiro genio apresenta nesta série de palestras, poderemos repetir, já então com outra entonação

a tragica pergunta feita ao Cristo diante da multidão inconciente: QUE É A VERDADE?...

O presente volume de palestras foi impresso em S. Paulo, do mesmo modo que dois outros, a "COLLECTANEA DE PALESTRAS" e as "PALESTRAS NO BRASIL"; os dois volumes seguintes, as palestras no "URUGUAY E ARGENTINA" e as realizadas no "CHILE E MEXICO", em 1935, foram impressos no Rio de Janeiro, sob os cuidados dos nossos consocios lá residentes.

O socios da I. C. K., a maioria dos quaes residentes no Rio de Janeiro e em São Paulo, são em numero de nove, de conformidade com os Estatutos; um deles acompanha incessantemente o *Snr. Krishnamurti* em seu constante viajar pelo mundo. Esta limitação do numero de socios teve especialmente em mira tirar ao mecanismo da I. C. K. qualquer feição religiosa ou qualquer aspeto de prosoletismo, que estariam em contradição com as proprias idéias de *Krishnamurti*.

Para terminar estas explicações, que nos pareceram de utilidade, fazemos ainda votos para que este volume seja tão bem aceito quanto os anteriores, e que todos quantos se interessam pela divulgação destas idéias, a nosso ver de inestimavel alcance para toda humanidade, nos auxiliem com a sua critica serena, com suas sugestões e a indispensavel cooperação, afim de que possamos cada vez melhor servir ao grande publico.

São Paulo, dezembro de 1936.

Milciades Pereira da Silva

Caixa Postal 1363 — S. Paulo)

Primeira palestra em Oak Grove

Em 5 de Abril de 1936.

Estas palestras são frequentadas por pessoas cheias de espetativas e esperanças e com muitas idéias peculiares; examinemo-las, pois, por amor á clareza, e averiguemos o seu verdadeiro merito.

Talvez haja entre nós algumas pessoas sem as mentes sobrecarregadas de *jargons*, que nada mais são que fatigantes repetições verbaes. Outros talvez haja, também, que havendo-se liberto de crenças e superstições, estejam anciosos por compreender o significado do que digo. Taes pessoas, tendo percebido a natureza illusoria da imitação, não mais pódem buscar padrões e moldes para sua conduta. Vêm aqui com a esperança de despertar sua criatividade inata, afim de poderem viver profundamente no movimento da vida. Essas pessoas não procuram um novo *jargon* ou modo de conduta, habilitade de idéias ou afirmação emocional.

Ora, eu falo para aqueles que desejam despertar para a realidade da vida e crear para si proprios o verda-

deiro modo de pensar e viver. Não quero, com isto, dizer que as minhas palavras se restrinjam a uns poucos ou a alguma facção imaginaria de intellectuaes auto-seleccionados.

O que digo poderá não parecer vital aos meros curiosos, pois não tenho frases vãs ou afirmações audazes para os excitar. Os curiosos que desejam mero estímulo emocional, não encontrarão satisfação nas minhas palavras.

Ha, em seguida, aqueles que aqui vêm para comparar o que eu tenho a dizer com as multiplas escolas de irreflexão. (Risos). Por favor, isto não é uma observação habil. Pelas cartas que recebi e pelas pessoas que comigo conversaram, sei, muitos ha que pensam que pertencendo a escolas especializadas de pensamento, avançarão e serão de utilidade ao mundo. O que, porém, chamam escolas de pensamento, nada mais é que *jangons* de imitação, que apenas criam divisões e animam a exclusividade e a vaidade mental. Esses sistemas de pensamento realmente não têm valor, por se acharem baseados na ilusão. Embora os seus proselitos possam tornar-se bastante eruditos e se defendam com sua erudição, são na realidade irrefletidos.

Ha, ainda, muitas pessoas cujas mentes se tornaram complicadas pela busca de sistemas de salvação humana. Buscam, ora por meio de elementos economicos, ora por meio da religião, ora por meio da ciencia, crear ordem e verdadeira harmonia na vida humana. O fanatismo

torna-se o impulso para muitos que tentam, por meio de afirmações dogmaticas, impôr a outrem suas imaginativas e ilusões a que soem chamar verdade ou Deus.

Assim, tendes que averiguar por vós proprios, porque estaes aqui e sob que impulso viestes escutar esta palestra. Espero que aqui estejamos para descobrir juntos se nos é possível viver sã e inteligentemente, em plenitude de compreensão. Penso que deverá ser este o trabalho tanto do orador como do auditorio. Vamos iniciar uma jornada de profunda pesquisa e experiencia individual, não uma jornada de afirmações dogmaticas em que criemos novas séries de crenças e idéaes. Para descobrires a realidade do que digo, tendes que leval-o á experiencia.

Em maioria, nutrimos a idéia de que descobrindo qualquer uma das causas do sofrimento, do conflito e da confusão humana, estaremos capacitados a resolver os numerosos problemas da vida. Tornou-se moda o dizer: sanar os males economicos e o preenchimento e a felicidade humanos estarão assegurados. Ou então: aceitar certa religião ou certa idéia filosofica e a paz e a felicidade tornar-se-ão universaes. Na busca de causas isoladas, não somente encorajamos os especialistas como desenvolvemos peritos que estão sempre prontos a crear e a expôr sistemas logicos pelos quaes são apanhados os irrefletidos. Podeis ver como sistemas e idéias exclusivistas estão tomando forma por toda a parte no mundo, afim de salvar o homem. E deixamo-

nos tão facilmente enredar neles, pensando que essa aparente simplicidade logica de causas isoladas nos ajudará a fazermos desaparecer a miseria e a confusão.

O homem que se entrega a esses especialistas e ás causas isoladas, só vai ao encontro de maior confusão e miseria. Torna-se um instrumento nas mãos dos peritos, ou um escravo voluntario daqueles que pôdem facilmente expôr a simplicidade logica de uma causa isolada.

Se examinardes profundamente o sofrimento e a confusão dos homens, vereis, sem que duvida alguma vos reste, que ha muitas causas, umas complexas, outras simples, que precisamos compreender integralmente antes de nos podermos libertar do conflito e do sofrimento. Se desejarmos compreender as multiplas causas e perturbações implicitas, devemos encarar a vida como um todo, não seccional-a em vida mental e emocional, em vida economica e religiosa, ou em hereditariedade e meio ambiente. Eis porque não nos podemos entregar aos especialistas, que naturalmente estão treinados no exclusivismo e habituados a concentrar-se nas suas estreitas divisões. E' essencial não se fazer isto; não obstante, inconscientemente nos entregamos a outrem afim de sermos guiados, afim de que se nos diga o que devemos fazer, pensando que o perito, economista ou religioso, em virtude do seu espeecializado conhecimento e dos seus sucessos, pôde dirigir as nossas vidas individuaes. Os especialistas, em maioria, estão adestrados de fórma a não poderem ter uma visão comprehensiva da vida; e por ajustarmos as nossas vidas, as nossas ações aos ditames

dos peritos, apenas creamos maior confusão e tristeza. Assim, pois, verificando que não nos é lícito sermos escravos de peritos, de instrutores, de filósofos, das pessoas que afirmam haver encontrado Deus e que aparentemente tornam a vida muito simples, deveríamos acautelarnos delas. Deveríamos procurar a simplicidade, porém, nessa mesma busca, estar alerta contra as numerosas e possíveis ilusões e enganos.

Concientes de tudo isto, que deveríamos nós, como individuos, fazer? Compete-nos perceber profunda, não casual ou superficialmente, que nenhuma pessoa ou sistema determinado resolverão, integralmente, para nós, os nossos angustiantes problemas, nem esclarecerão as nossas complexas e sutis reações. Se pudermos perceber que ninguém existe, fóra de nós, que exclareça o caos e a confusão existentes em nosso interior e exterior, então não seremos imitadores, não aneciaremos pela identificação. Começaremos, então, a libertar o poder creador existente dentro de nós. Isto significa que estamos começando a ser concientes da unquidade individual. Cada individuo é unico, diferente, não semelhante a outrem; com isto, porém, não quero dar a entender a expressão dos desejos egoistas.

Precisamos começar a ser auto-concientes, cousa que, na maioria, não somos; trazendo o que está oculto para a evidencia, para a luz, descobrimos as varias causas da desharmonia e do sofrimento. Só isto ajudará a trazer á existencia uma vida de preenchimento e de felici-

dade inteligente. Sem esta libertação do oculto, do recondito, nossos esforços têm que conduzir-nos a enganos. Enquanto não descobrirmos, pela experimentação, nossas sutis e profundas limitações, com suas reações correspondentes, por esse modo delas nos libertando, viveremos uma vida de confusão e de luta. Isto porque essas limitações impedem a plasticidade da mente-emoção, tornando-a incapaz de verdadeiro ajuste ao movimento da vida. Esta falta de plasticidade é a origem de nossa competição egoísta, do temor e da procura da segurança, conducentes a multiplas ilusões confortadoras.

Embora pensemos haver encontrado a verdade, a felicidade e tenhamos objetivado a idéa abstrata de Deus, não obstante, enquanto permanecermos inconcientes das ocultas fontes de nosso ser integral, não poderá haver realisação da verdade. A pronuncia de palavras taes como Deus e perfeição não póde ter importancia nem significado profundo.

Só póde começar a verdadeira busca quando não separamos a mente da emoção. Dado o fato de havermos sido adestrados a encarar a vida, não como um todo completo, porém repartida em corpo, mente e espirito, ser-nos-á muito difficil orientarmo-nos no sentido desta nova concepção e reação para com a vida. Educarmos neste modo de encarar a vida, sem deslizar, em retrocesso, ao velho habito de pensamento separatista, é cousa que exige persistencia e estar-se constantemente alerta. Quando, pela experimentação, começarmos a

libertar-nos dessas falsas divisões, com seus significados especiaes, suas persecuções e idéaes que tanto mal nos produziram e falsamente complicaram as nossas vidas, então libertaremos a energia creadora e descobriremos o infindavel movimento da vida.

Póde a mente-emoção conhecer e profundamente apreciar este estado de infindabilidade, este incessante vir-a-ser? A infinidade só tem uma significação profunda quando nos libertamos das limitações que cremos pelas nossas falsas concepções e divisões em corpo, mente e espirito, cada uma com seus distintos idéaes e finalidades. Quando a mente-coração se desprende das reacções prejudiciaes e limitadoras e começa a viver intensamente, com profundo apercebimento, sómente então ha a possibilidade de conhecer com profundeza esse incessante vir-a-ser. A mente-emoção deve estar inteiramente liberta de identificação e imitação, para conhecer esta beatitude. Só o despertar desta intelligencia creadora tornará o homem humano e lhe dará equilibrio e profundo preenchimento.

Emquanto não vos tornardes concientes, tanto do vosso ambiente como do vosso passado, e não compreenderdes o seu significado — não semelhantes a dois elementos em contra-posição, cousa que só produziria falsas reacções, porém, como um todo coordenado — e enquanto não fordes capazes de reagir profundamente para com esse todo, não poderá haver a percepção do infinito movimento da vida.

A verdadeira busca só começa quando ha libertação daquelas reacções que são o resultado da divisão. Sem a compreensão da integralidade da vida, a busca da verdade ou da felicidade tem que levar á illusão. Na persecução de uma illusão, o individuo experimenta frequentemente uma certa alegria, um emocionalismo; quando, porém, se examina esta estrutura emocional, vê-se que ela nada mais é que uma limitação, a construção de paredes de refugio. E' uma prisão, posto que nela se viva e, mesmo, nos proporcione gozo. E' uma fuga do conflito da vida para a limitação; e muita gente ha que vos encoraja nessa fuga.

Para que estas palestras possam ter qualquer significado para vós, tendes que começar a fazer experiencias com o que vos digo e viver de novo, tornando-vos concientes de todas as vossas reacções. Sêde concientes delas, porém não vos desembaraceis imediatamente de algumas delas, tendo-as por más e aceitando outras como boas; pois a mente, achando-se limitada, é incapaz de discernir com justeza. O que é importante é estar apercebido delas.

Então, mediante esse continuo apercebimento, no qual não ha sentimento de opositos, no qual não ha divisão entre mente e emoção, advirá a harmonia da acção, a unica que produzirá o preenchimento.

PERGUNTA: *Não existem muitos expositores da verdade, além de vós? Deve-se abandonal-os todos e escutar a vós sómente?*

KRISHNAMURTI: Jamais poderá haver expositores da verdade. A verdade não pôde ser explicada assim como não se pode explicar o amor a um homem que jamais estivesse enamorado. Essa frase "expositores da verdade" não tem sentido.

Que estamos tentando fazer aqui? Eu não vos estou pedindo que acrediteis no que digo nem sutilmente fazendo com que me sigaes afim de serdes explorados. Independentemente de mim podeis fazer experiencias com o que digo. Estou tentando mostrar-vos como se pôde viver sã e profundamente, com riqueza creadora, afim de que a nossa vida seja um preenchimento e não uma frustração contínua. Isto pôde ser feito quando a mente-coração se liberta das falsas reacções, concepções e idéias que herdou e adquiriu, nascidas de temores e limitações egoistas das reacções nascidas da divisão e do conflito dos opostos. Essas limitações e reacções estreitas impedem a mente-coração de se ajustar ao movimento da vida. Desta falta de plasticidade surgem a confusão, o engano e a tristeza. Só pelo vosso proprio apercebimento e esforço e não por meio da autoridade ou da imitação, podem essas limitações ser varridas.

PERGUNTA: *Qual a vossa idéia do infinito?*

KRISHNAMURTI: Existe um movimento, um processo de vida, sem fim, que pôde ser chamado infinito. Pela autoridade e imitação, nascidas do medo, cria a mente para si propria multiplas falsas reacções, e por

meio delas limita-se a si propria. Identificando-se com esta limitação, é incapaz de acompanhar o movimento rapido da vida. E porque a mente, compelida pelo temor, e em seu desejo de segurança e conforto, busca um fim, um absoluto com o qual possa identificar-se, torna-se incapaz de acompanhar o incessante movimento da vida. Enquanto a mente-corção não puder libertar-se dessas limitações em plena consciencia, não póde ter lugar a compreensão desse contínuo processo de vir-a-ser. Portanto, não pergunteis o que é o infinito, porém, descobri por vós mesmos as limitações que mantém a mente-corção em cativo, impedindo-a de viver nesse movimento da vida.

Segunda palestra em Oak Grove

Em 12 de Abril de 1936.

Muitas pessoas refletidas desejam auxiliar o mundo. Imaginam-se creaturas aparte da massa. Veem tanta miseria, tanta exploração, veem tantos feitos científicos e técnicos muito mais adiantados que a conduta, a compreensão e a intelligencia humanas. Percebendo tudo isso ao seu redor e desejando alterar as circumstancias, consideram que a massa deve ser desperta em primeiro lugar.

Esta pergunta me é frequentemente proposta: Porque daes importancia ao individuo e não tomaes em consideração a massa? Do meu ponto de vista essa divisão entre a massa e o individuo não póde ter lugar. Posto haja a psicologia, a intenção e a ação ou proposito da massa, essa entidade, a massa apartada do individuo, não existe. Ao analisardes a expressão "massa" o que se dá? Verificaes ser ela composta de muitas unidades separadas, que somos nós proprios, com fantasticas crenças, idéaes, ilusões, superstições, odios, preconceitos,

ambições e perseguições. Estas perversões e perseguições constituem esse fenomeno incerto e nebuloso a que chamamos massa.

Portanto, a massa somos nós. Vós sois e eu sou a massa, e em cada um de nós existe o uno e o multiplo, o uno sendo o conciente, é o multiplo o inconciente. Póde-se dizer que o conciente é o individuo. Portanto, em cada um de nós temos o uno e o multiplo.

O multiplo, o inconciente, compõe-se de valores questionados, valores que são falsos para com os factos, valores que, pelo tempo e o habito, se tornaram agradaveis e aceitaveis; o multiplo compõe-se de idéas que nos dão segurança e conforto, sem um significado profundo; compõe-se de padrões de conformidade, que impedem a clara percepção e ação; compõe-se de pensamentos e emoções que têm sua origem no medo e nas reacções primitivas. E' a isto que chamo inconciente, a massa, de que cada um de nós é parte, quer o saibamos, quer o reconheçamos, quer não.

Para que haja clara reflexão, é preciso que o espelho não esteja empanado, que a sua superficie seja lisa e limpa. Semelhantemente, deve a mente-corção, que é um todo integro e não duas partes diferentes e separadas, estar liberta das suas perversões auto-creadas, antes que possa haver discernimento, compreensão, equilibrio ou intelligencia. Para vivermos completamente, a experiencia deve ser trazida continuamente para o conciente.

Na maioria, somos inconcientes do fundo, das perversões, das contorções que nos impedem o discernimento, e nos tornam incapazes de nos ajustarmos ao movimento da vida. Talvez alguns de vós digam: tudo isso é perfeitamente obvio; sabemol-o e nada de novo ha nisso. Receio que meramente repudiando o que digo, sem profunda reflexão, não despertareis vossa intelligencia creadora.

Se quizermos compreender a vida integralmente, completamente, devemos trazer o inconciente para o conciente, por meio da experiencia e dos atos. Então haverá equilibrio e profunda intelligencia. Só então poderá haver verdadeira pesquisa. Enquanto a mente-coração estiver limitada por crenças, por idéaes ou por vãs e illusorias persecuções, o que denominamos busca da verdade ou da realidade conduzirá inevitavelmente a evasões. Nenhum psicologo ou instrutor póde libertar a mente; sua liberdade só póde provir de sua propria necessidade inerente.

A busca da verdade ou de Deus — a simples pronuncia disto ajuda a crear uma barreira — só póde verdadeiramente começar quando houver esta intelligencia harmoniosa. Dado o fato de estar a mente-coração perversa, limitada pelas reacções da ignorancia, é incapaz de discernir aquilo que é. Como se póde compreender o que é verdadeiro se a nossa mente-coração está imbuída de preconceitos? Esses preconceitos estão arraigados tão profundamente e estendem-se por tal modo para

o passado, que não se lhes podem descobrir os seus primórdios. Com a mente assim preconcebida, como nos será possível discernir com justeza, e como pôde haver felicidade ou intelligencia? A mente-coração tem de se aperceber de seu proprio processo de crear illusões e limitações. Nenhum instrutor a pôde libertar deste processo. Emquanto a mente-coração não estiver visceral, profundamente conciente de seu proprio processo, de seu poder de crear illusões, não pôde haver discernimento. Para que se produza esta intelligencia harmoniosa, tem que se dar uma fundamental mudança em nossos habitos de pensamento-emoção, e isto exige perseverante paciencia e reflexão persistente.

Até agora havia sido dito que Deus existe, que existe a verdade, que existe algo de absoluto, final, eterno, e sobre essa afirmação edificámos o nosso pensamento e emoção, a nossa vida e a nossa moral. Foi dito: Agi desta forma, segui aquilo, não faças isto. A maior parte das pessoas considera positivos taes ensinamentos. Se examinardes esses ensinamentos que são chamados instruções positivas, verificareis serem eles destruidores da intelligencia; pois tornam-se o ambito dentro do qual a mente se limita para imitar e copiar, tornando-se, assim, incapaz de ajuste ao movimento da vida, contorcendo a vida de acôrdo com o molde de um idéal, o que apenas cria tristeza e confusão maiores.

Para compreender e despertar esta intelligencia harmoniosa, deve-se começar, não com postulados e afir-

mações autoritárias, porém negativamente. Quando a mente estiver liberta dessas responsabilidades ignorantes, então haverá a profunda harmonia que nasce da intelligencia. Começa, então, a alegria da penetração na realidade. Ninguém vos póde dizer o que é a realidade, e qualquer descrição que dela se faça tem que ser sempre falsa.

Para compreender a verdade tem que haver observação silenciosa, e a descrição dela sómente a torna confusa e limitada. Para compreendermos o infinito processo da vida, temos que começar negativamente, sem afirmações nem postulados e daí construir o arcabouço do nosso pensamento-emoção, da nossa ação e conduta. Se isto não fôr profundamente compreendido, o que eu disser transformar-se-á em meras crenças e idéaes mecanicos, creando novos absurdos baseados na fé e na autoridade. Regressaremos, assim, inconcientemente ás primitivas atitudes e reações nascidas do medo, com seus multiplos enganos, embora revestidas de palavras novas.

Quando fordes realmente capazes de pensar sem nenhum anseio, sem nenhum desejo de seleção — pois a seleção implica os opostos — haverá discernimento.

O que é que constitue esse fundo? E' o resultado de um processo sem começo. Compõe-se ele de muitas camadas e não poderá ser descrito em poucas palavras. Podeis tomar e examinar uma ou duas camadas — não objetivamente, por isso que a propria mente é a sua creadora e delas faz parte — e ao analisal-as e fazer

experiencias com elas, a propria mente começa a perceber a sua propria constituição e o processo de criar sua propria prisão. Este entendimento profundo não sómente traz á consciencia as multiplas camadas, mas produz tambem a cessação de crear outras limitações e barreiras.

Uma das camadas ou seções deste fundo é a ignorancia. A ignorancia não deve ser confundida com a mera falta de informação. A ignorancia é a falta de compreensão de si proprio. Este “si proprio” não se refere a um dado periodo, e não ha palavras que possam abranger o processo integral da individualidade. A ignorancia existirá enquanto a mente não desvendar o processo mediante o qual cria suas proprias limitações, e bem assim o processo da ação auto-induzida. Para fazer isto, é preciso que haja grande perseverança, experimentação e compreensão.

A profunda compreensão de nós mesmos, desse “si proprio” *isento de começo*, é impedida por meio de processos acumulativos. Eu chamo processos acumulativos a *ancia* de identificação com a verdade, a imitação de um ideal, o desejo de conformidade, todos os quaes criam autoridade e engendram o medo que conduz a multiplos enganos. O processo acumulativo prosegue enquanto o pensamento está colhido pelos opositos e pela perseguição deles, — o bom e o máu, o positivo e o negativo, o amor e o odio, a virtude e o pecado. O processo

acumulativo dá á mente-coração conforto e abrigo contra o movimento da vida. Se a mente-coração se apercebe na ação, então observará que está criando essas ilusões acumuladoras tendo em vista sua própria e limitada continuação e segurança. Este processo produz dôr, miseria e conflito.

Como poderá a mente desembaraçar-se dos seus temores, das suas reações ignorantes, dos seus multiplos enganos? Todas as influencias que forçam a mente a libertar-se dessas limitações só irão criar outras evasões e ilusões. Quando a mente confia nas circunstancias exteriores para produzir estas mudanças fundamentaes, não está atuando como um todo, está-se dividindo, separando-se em passado e presente, em exterior e interior. Quando semelhante divisão existe, a mente-coração cria necessariamente para si outras ilusões e tristezas. Por favor, esforçae-vos por compreender tudo isto cuidadosamente.

Se a mente se esforça por se libertar destas limitações por causa da compulsão, da recompensa ou punição, ou por estar sobrecarregada de tristeza, buscando por isso felicidade, ou por qualquer motivo superficial, sua tentativa tem que levar inevitavelmente á frustração e á confusão.

É importante compreender isto, pois só haverá libertação destas limitações quando a própria mente compreender a absoluta necessidade disso. Esta necessidade não pôde ser auto-induzida ou auto-imposta.

PERGUNTA: *Como ajudar os loucos incuráveis?*

KRISHNAMURTI: Ora, a loucura é um problema que apresenta variedades sutis, pois o individuo pôde-se julgar integro, e apesar disso afigurar-se completamente louco a outros. Existe a loucura produzida por defeitos físicos organicos, e existe a falta de equilibrio decorrente do fato da mente-coração ser incapaz de ajustamento á vida. Naturalmente não existe uma clara divisão e distinção entre as causas puramente físicas e puramente mentaes, conducentes a multiplas perturbações e maus ajustamentos á vida. Penso que na maioria dos casos, esta falta de coesão e de equilibrio começa quando o individuo, educado e treinado em reações estreitas e egoistas, é incapaz de ajustar-se ao sempre cambiante movimento da vida.

Nós em maioria, não somos equilibrados, por isso que inconcientes das multiplas camadas de valores limitados que confinam a mente-coração. Esses valores limitados estropiam o pensamento e impedem-nos o entendimento dos valores infinitos, que são os unicos que pôdem produzir a sanidade e a intelligencia. Aceitamos que certas atitudes e ações estejam de acôrdo com os valores humanos. Tomae, como exemplos, a competição e a guerra. Se examinarmos a competição, com as varias cousas nela implicitas, vemos que ela surge da reação ignorante da luta de homem contra homem, ao passo que no preenchimento não pôde ter lugar esse espirito competidor. Aceitámos esse espirito de competição

como parte implícita da natureza humana, de onde surge não sómente a combatividade individual, mas também a racial e a nacional, fornecendo, assim, uma das multiplas causas da guerra. A mente, aprisionada nesta reação primitiva, deve ser considerada incapaz de profundo ajustamento ás realidades da vida.

O homem cujo pensamento-emoção se baseia na fé e, portanto, na crença, deve necessariamente ser desequilibrado, pois a sua crença não passa de anseio pela satisfação do desejo. Quando as pessoas dizem que acreditam na reencarnação, na imortalidade, em Deus, nada mais fazem que externar anseios emocionaes, que para elas se tornam conceitos e fatos objetivados. Elas só poderão descobrir a realidade quando houverem compreendido e dissolvido o processo da ignorancia. Quando o individuo diz: "Eu creio", — limita seu pensamento e transforma a crença em um molde segundo o qual guia e conduz a sua vida, dando lugar, assim, a que a mente-coração se torne estreita, cristalisada e incapaz de ajustamento á vida e á realidade. Para a maior parte das pessoas a crença torna-se apenas uma evasão ao conflito e confusão da vida.

A crença não deve ser confundida com a intuição e a intuição não é o preenchimento do desejo. A crença, como já tentei salientar, baseia-se na evasão, na frustração, na limitação, e esta mesma crença impede a mente-coração de dissolver a ignorancia auto-criada.

Assim, cada individuo tem a capacidade, o poder, de ser são, equilibrado, ou de o não ser. Para o individuo descobrir se está equilibrado, deve começar negativamente, não com afirmações, dogmas e crenças.

Se o individuo puder pensar com profundidade, aperceber-se-á da extraordinaria beleza da plenitude inteligente.

PERGUNTA:: *Dissestes no domingo passado que a maior parte das pessoas não são auto-concientes. A verdade parece-me ser justamente o contrario; que a maioria das pessoas são demasiado auto-concientes. Que entendeis por auto-conciente?*

KRISHNAMURTI: E' uma pergunta difficil e sutil para ser respondida em poucas palavras, porém vou tentar esclarecel-a o melhor que me fôr possivel e, por favor, lembrae-vos de que as palavras não transmitem tudo que de sutil se acha implicito na resposta.

Toda a cousa viva é força, energia, unica para si mesma. Esta força ou energia cria seus proprios materiaes que pôdem ser chamados corpo, sensação, pensamento ou consciencia. Esta força ou energia, em seu desenvolvimento auto-ativo torna-se consciencia. Disto surge o processo do "eu", o movimento do "eu". Depois começa o turno de criação da sua propria ignorancia. O processo do "eu" principia e continua na identificação com as suas limitações auto-criadas. O "eu"

não é uma entidade separada como a maioria de nós pensa; é ambas as cousas, a forma de energia e a propria energia. Esta força, porém, em seu desenvolvimento, cria o seu proprio material e a consciencia faz parte dele; e por meio dos sentidos, a consciencia torna-se conhecida como sendo o individuo. Este processo do "eu" não é cousa de momento, não tem começo. Porém, mediante o apercebimento e a compreensão constantes, este processo do "eu" póde chegar a termo.

Terceira palestra em Oak Grove

Em 19 de Abril de 1936.

Para que haja unidade de pensamento e, portanto, acção, tem que haver accordo, concordancia, e parece muito difficil obter concordancia. Concordancia não significa aceitação irrefletida ou tolerancia, visto a tolerancia ser cousa superficial. A concordancia exige profunda intelligencia e requer mente muito plastica. Aparentemente, neste mundo o individuo é mais facilmente convencido pela insensatez do que por um pensamento integro e intelligente. Existe uma concordancia emocional que em absoluto não é concordancia. É simplesmente um excitamento que arrasta o individuo a certas actividades, atitudes e afirmações, porém, não conduz ao pleno e intelligente despertar do preenchimento individual.

Ora, se concordardes — como aparentemente o faz a maioria das pessoas — com a insensatez, ha de resultar confusão. Podereis sentir-vos, por momentos, supremamente felizes e contentes e, em virtude disso, ima-

ginar que haveis compreendido a vida; se, porém, permitirdes que a vossa mente pondere sobre a vossa presumida felicidade, vereis que o que possuis é realmente um excitamento emotivo superficial, induzido pelas repetidas afirmações de outrem. Toda a ação nascida desta superficialidade tem que inevitavelmente levar á confusão, emquanto que a concordancia com um pensamento inteligente, conduz á verdadeira felicidade e ao completo bem estar.

Saliento este ponto por sentir que é mui importante e necessario não termos dentro de nós quaesquer barreiras que criem divisão e discordia. Essas barreiras criam confusão e luta no individuo, e impedem também a ação unida e inteligente no mundo. A concordia inteligente é essencial para a ação em conjuncto; porém, deixa de ser concordia quando ha qualquer especie de compulsão ou autoridade, seja ela grosseira ou subtilizada. Por favor, averiguae porque um tal entendimento profundo é necessario e, também verificaes se estaes em concordancia profunda com o que eu digo. Por concordancia não entendo uma aceitação tolerante e superficial de certas idéias que eu expresso. Deverieis considerar em conjuncto tudo que se acha implicito no que eu digo, e averiguar se com isso estaes em concordancia profunda. Isto exige cuidadosa analyse, e sómente então podereis aceitar ou rejeitar. Como a maioria de nós parece ceder a afirmações enfaticamente repetidas, penso que seria um desperdicio

de tempo se meramente vos deixasseis convencer em virtude de certos enunciados frequentemente por mim repetidos. Uma tal concessão da vossa parte seria completamente inutil, e mesmo prejudicial.

Neste mundo ha tantas opiniões contraditorias, tantas teorias, tantas afirmações grotescas e pretensões emocionaes, que é difficil discernir o que é verdadeiro, o que é realmente util á comprehensão e ao preenchimento individuaes. Estas afirmações — fantasticas umas, verdadeiras outras, algumas violentas, e certas dentre elas absurdamente confusas — são-nos lançadas e proclamadas. Por meio de livros, de revistas de conferencistas, tornamo-nos vitimas delas. Ao mesmo tempo que prometem recompensas, ameaçam e compelem sutilmente. Gradualmente, vamos nos deixando tomar partidos, atacar e defender. Por esse modo, aceitamos esta ou aquella teoria, insistimos neste ou naquele dogma, e, inconscientemente, as asserções repetidas de outrem se tornam crenças nossas, ás quaes nos esforçamos por amoldar integralmente as nossas vidas. Isto não é exagero; acontece em nós e ao redor de nós. Somos constantemente bombardeados com afirmações e idéias frequentemente repetidas, e desventuradamente tendemos a tomar partidos porque o nosso desejo inconciente busca o conforto e a segurança emocional ou intelectual, o que nos leva a aceitarmos essas afirmações. Em taes circumstancias, embora julgando estarmos examinando essas asserções, e intuitivamente sa-

bendo serem elas verdadeiras, nossas mentes estão incapacitadas de exame ou de qualquer intuição: Quasi ninguém escapa a este constante ataque feito por meio de propaganda; e infelizmente, em virtude do nosso desejo de segurança e permanencia, ajudamos a crear e a encorajar declarações fantasticas.

Quando a mente-corção está sobrecarregada por muitas barreiras, preconceitos, distincções de nacionalidade e de classe, é impossivel chegar a uma concordancia inteligente. O que está tendo lugar não é uma sã e intelligente concordancia entre as pessoas, porém, sim, uma guerra de crença contra crença, de doutrina contra doutrina, de grupo contra grupo, de interesse firmado contra interesse firmado. Neste combate, nega-se a intelligencia, a comprehensão.

Seria realmente uma calamidade, se em consequencia destas reuniões desenvolvesseis dogmas, crenças e instrumentos de compulsão. Minhas palestras não se destinam a engendrar crenças ou idéaes que sómente vos podem o ferecer uma evasão. Para comprehender o que eu digo, tem a mente que estar livre de crenças e do preconceito do "eu sei". Ao dizerdes "eu sei" já estaes mortos. Isto não é uma afirmativa aspera.

E' tarefa muito séria procurarmos descobrir o que é verdadeiro, a razão porque aqui estamos e para onde nos dirigimos. Esta descoberta não póde ser feita pela solução superficial dos nossos problemas immediatos. A mente-corção tem que libertar-se daquelles dogmas,

crenças e idéaes, dos quaes a maioria de nós é inconsciente. Estamos aqui para, inteligentemente, descobrirmos o que é verdadeiro; e se comprehenderdes isto, discernireis algo real, não algo que seja auto-imposto ou inventado por outrem. Por favor, crêde que eu realmente não me preocupo com opiniões particulares, porém, sim, com o entendimento, a felicidade e o preenchimento individuais.

Ha muitos instrutores que sustentam varios sistemas, meditações, disciplinas que, proclamam eles, conduzem á realidade ultima; ha muitos intermediarios que insistem na obediencia em nome dos Mestres; e individuos que afirmam a existencia de Deus, da verdade; desventuradamente, eu proprio fiz essas afirmações no passado. Sabendo tudo isto, verifiquei que, a partir do momento em que haja uma afirmação, o proprio significado dela fica perdido. Como havemos, pois, de comprehender este mundo de contradicções, de crenças, de confusões, de dogmas e proclamações? Qual será o nosso ponto de partida? Se tentarmos comprehender estas cousas de outro ponto de vista qualquer, que não seja a compreensão de nós proprios, só faremos acrescentar a dissensão, a luta e o odio. Ha muitas causas, muitos processos em operação neste mundo de surto e decadencia, e quando nos esforçamos por investigar cada processo, cada causa, esbarramos inevitavelmente contra uma parede em branco, contra algo que não tem explicação, pois cada processo é unico em si mesmo.

Então, quando defrontaes o inexplicavel, vem a fé em vosso auxilio e afirma que existe um Deus, que ele nos creou e que nós somos seus instrumentos, que somos seres transcendentos, com identidade permanente. Ou, então, se não tendes inclinações religiosas, procuraes resolver o problema através da ciencia. Aí, mais uma vez, tentaes acompanhar causa após causa, reação após reação; e, posto que haja cientistas que sustentem existir uma intelligencia profunda em operação, ou que empregam diferentes simbolos para nos transmitir o inexplicavel, chega, no entanto, um ponto além do qual a propria ciencia não póde ir, por isso que ela se relaciona sómente com a percepção e a reação dos sentidos.

Penso existir um meio de compreender todo o processo do nascimento e da morte, do vir-a-ser e da decadencia, da tristeza e da felicidade. Quando digo "penso", estou sendo propositadamente sugestivo, antes que dogmatico. Este processo só póde ser verdadeiramente compreendido e fundamentalmente alcançado através de nós mesmos, pois está focalizado em cada individuo. Observamos ao redor de nós este continuo vir-á-ser e a subsequente decadencia, esta angustia e prazer transitorios, mas não nos é possivel compreender este processo fóra de nós proprios. Só o podemos compreender em nossa propria consciencia, através do processo do nosso proprio "eu"; e, se fizermos isto, então haverá uma possibilidade de percebermos o significado de toda a existencia.

Por favor, percebei a importancia disto; de outro modo, emaranhar-nos-emos na complicada questão do ambiente e da hereditariedade. Compreenderemos esta questão quando não mais dividirmos a nossa vida em passado e presente, em subjetivo e objetivo, em centro e circunferencia; quando percebermos o modo de operar-se o processo do "eu", da "eu-conciencia". Como tenho dito frequentemente, se meramente aceitarmos o "eu" como um principio vivo, como uma entidade divina, em isolamento, creada por Deus, nada mais faremos que crear e animar a autoridade, com seus temores e explorações; e isto não pôde conduzir ao preenchimento do homem.

Por favor, não traduzaes o que digo acerca do processo do "eu", em vossa particular fraseologia de crença. Isto em nada vos serviria de auxilio; ao contrario, geraria confusão; porém escutae, com mente e coração isentos de preconceitos.

O processo do "eu" resulta da ignorancia, e esta ignorancia, semelhante á chama alimentada pelo oleo, sustenta-se a si mesma por meio das suas proprias atividades. Isto é, o processo do "eu", a energia do "eu", a consciencia do "eu", é o resultado da ignorancia e a ignorancia sustenta-se a si propria por meio das atividades por ella mesma creadas; é animada e sustentada por meio de suas proprias ações, de ancias e desejos. Esta ignorancia não tem começo, e a energia que a creou é unica para cada individuo. Esta unquidade torna-

se individualidade para a consciencia. O processo do "eu" é o resultado desta força, unica em cada individuo, que cria, em seu auto-desenvolvimento, seus proprios materiaes sob a forma de corpo, discernimento, consciencia, que se identificam com sendo o "eu".

Isso é realmente muito simples, porém, afigura-se complicado, quando expresso em palavras. Se, por exemplo, o individuo é educado na tradição e no nacionalismo, essa attitude inevitavelmente tem de crear barreiras na ação. A mente-coração estreitada e limitada na ação pelos preconceitos, tem de crear limitações crescentes. Isto é obvio. Se tendes crenças, traduzis e modelaes as vossas experiencias de acôrdo com elas, e por esse modo estaes continuamente forçando e limitando o pensamento-emoção, e essas limitações tornam-se o processo do "eu". A ação, em vez de liberar, de desembaraçar a mente-coração dos cativeiros auto-impostos, cria outras e mais profundas limitações, sendo que a essas limitações acumuladas pôde ser dado o nome de ignorancia. Esta ignorancia é encorajada, alimentada pelas suas proprias atividades nacidas dos desejos por ela propria criados. A não ser que verifiqueis ser a ignorancia o resultado das atividades que ela propria cria, a mente-coração tem que permanecer sempre neste circulo vicioso. Quando comprehendes isto profundamente, discernireis que a vida não mais é uma série de conflitos e vitorias, de lutas e consecuçoes, conduzindo todos á frustração. Quando verdadeiramente tiverdes introspecção neste processo da igno-

rancia, o viver não será mais um acúmulo de dôr, porém tornar-se-á o extase de profunda ventura e harmonia.

Em maioria, temos a idéia de que o "eu" é um ser separado, divino, algo de perduravel, que se vai tornando cada vez mais perfeito. Eu não sustento nenhuma destas coisas. A propria consciencia é o "eu". Não se pôde separar o processo do "eu", da consciencia. Não ha "eu" que, separado da propria consciencia, acumule experiencia. Ha sómente esse processo, essa energia que cria as suas proprias limitações pelos desejos que ela propria mantém. Quando discernirdes que não existe "eu" apartado da ação, que o ator é a propria ação, então, gradualmente, advirá a plenitude que é uma felicidade insondavel.

Ao alcançardes isto, não mais pôde haver metodo que vos liberte das vossas proprias limitações, da prisão em que estaes encerrados. O processo do "eu" tem que se dissolver. Tem, de motu proprio, que afastar-se de si proprio. Nenhum salvador, nenhuma adoração a outrem vos pôde libertar; vossas diciplinas auto-impostas e autoridades auto-creadas não prevalecem. Eles só vos levam a maior ignorancia e tristeza. Se puderdes compreender isto, não fareis da vida uma terrivel e feia luta de exploração e crueldade.

PERGUNTA: *Domingo passado parecíeis muito incerto no que dizíeis, e alguns de nós nada puderam perceber. Varios de meus amigos dizem que não mais vob-*

tarão para ouvir-vos, por vos estardes tornando vago e indeciso com relação ás vossas idéias. Será isto uma impressão devida á nossa falta de entendimento, ou não estaes tão seguro de vós proprio, como de costume ?

KRISHNAMURTI: E' bem de ver que certas cousas não pódem ser definida e precisamente reduzidas a palavras. Esforço-me para expressar a minha compreensão da vida tão claramente quanto possivel, e isto é difficil. Tenho, ás vezes, exito; mas, frequentemente, parece não me ser possivel transmitir o que penso e sinto. Se um individuo refletir profundamente acerca do que estive dizendo, tornar-se-á isso claro e simples; se, porém, não houver a compreensão na ação, permanecerá mera concepção intelectual. Alguns de vós frequentaes repetidas vezes estas reuniões, e pondero o que vos acontece no intervalo destas palestras. E nesses intervalos que podeis descobrir se a ação liberta ou cria outras prisões e limitações. Está em vossas mãos manejar a vossa vida, seja no sentido de compreender, seja no de aumentar a ignorancia.

PERGUNTA: *Como nos libertarmos das reacções primitivas de que falaes ?*

KRISHNAMURTI: O proprio desejo de libertação cria sua limitação. Essas reacções ignorantes ou primitivas criam conflitos, perturbações e tristezas em vossa vida e esperaes, com o vos libertardes delas, adquirir uma

outra cousa: a felicidade, a bemaventurança, a paz, etc. E assim me fazeis a pergunta: Como libertar-me destas reacções? Isto é, quereis que eu vos dê um metodo, que vos exponha um sistema, uma disciplina, uma modalidade de conduta.

Se compreenderdes que não existe consciencia separada, aparte do processo do "eu"; que o "eu" é a propria consciencia; que a ignorancia cria as suas proprias limitações e que o "eu" é apenas o resultado de sua propria acção, então não pensareis em termos de desnudamento e aquisição.

Tomae, como exemplo, a reacção relativa ao nacionalismo. Se refletirdes a respeito, verificareis que esta reacção é ignorante e muito prejudicial, não só a vós proprios como ao mundo. Então, perguntar-me-eis: "Como dela nos libertarmos?" Ora, por que vos desejaes libertar dela? Quando perceberdes porque dela vos desejaes libertar, discernireis como veio ela á existencia, isto é, artificialmente, com suas multiplas crueldades implicitas; e havendo compreendido isto profundamente, não haverá esforço conciente para vos libertardes desta reacção ignorante; ela desaparece por si mesma.

Pela mesma forma, se a mente-coração estiver limitada pelos temores, pelas crenças que tão dominadoras, tão potentes, tão irresistiveis são que pervertem a percepção clara, de nada serve fazer grandes esforços para delas se libertar. Primeiramente, tendes que vos tornar concientes dessas cousas; e, em lugar de desejardes liber-

tar-vos delas, averiguae porque elas existem. Se fizerdes esforços para delas vos libertar, criareis inconscientemente, ou aceitareis outros e talvez mais sutis temores e crenças. Quando, porém, perceberdes como vieram á existencia em virtude do desejo de segurança e de conforto, então essa mesma percepção as dissolverá. Isto exige grande vigilancia da mente-coração.

A luta trava-se entre aqueles valores estabelecidos, e os valores sempre mutaveis, indefinidos, entre o que é fixo e o livre movimento da vida, entre os padrões, os convencionalismos, as memorias acumuladas e aquilo que não tem morada fixa. Em lugar de tentardes ir em busca do desconhecido, examinae o que tendes, o que é conhecido, os preconceitos e as limitações já estabelecidas. Compreendei o seu significado; e ,então, desaparecerão como as nevoas matutinas. Ao perceberdes que o que supunheis ser uma serpente na relva é apenas uma corda, não mais tendes temor, não ha mais luta nem vitoria. E quando, pelo profundo discernimento, percebemos que essas limitações são auto-creadas, então, a nossa atitude em face da vida não mais será a de querer vencer, a de querer libertar-se mediante qualquer metodo ou milagre, ou de buscar compreensão por meio de outrem. Então realizaremos por nós mesmos que, embora este processo de ignorancia pareça não haver tido começo, tem, com-tudo, um fim.

Quarta palestra em Oak Grove

Em 26 de Abril de 1936.

Muitos de vós comparecem a estas reuniões na esperança de que, por algum milagre, eu resolva as suas dificuldades, sejam elas economicas, religiosas ou sociaes. E se eu as não puder resolver, ou se fordes incapazes de as resolver por vós mesmos, esperaes que algum acontecimento ou circumstancia miraculosa as dissolva; ou, então, vos entregaes a qualquer sistema filosofico, ou esperaes que, filiando-vos a determinada igreja ou sociedade, vossas dificuldades desapareçam por si mesmas.

Como frequentemente tenho procurado salientar, esses problemas, sejam eles sociaes, religiosos ou economicos, não serão resolvidos sob a dependencia de qualquer sistema particular. Devem ser resolvidos como um todo, e necessitamos compreender profundamente o nosso proprio processo de criar ignorancia e de nela ficar presos. Se se puder compreender este processo de acumular ignorancia com sua ação auto-sustentadora, e discernir a consciencia como sendo um combinado dessas duas cousas —

ignorancia e ação, — compreender-se-á então profundamente esta existencia de conflito e de tristeza. Desventuradamente, porém, somos na maioria indifferentes; aguardamos que as circunstancias externas nos forcem a pensar, e essa compulsão sómente pôde produzir maior sofrimento e confusão; podeis tirar a prova disto por vós mesmos.

Ha, ademais, aqueles que estão na dependencia da fé para a obtenção do entendimento e do conforto. Pensam que existe um ser supremo que os fez, que os guia, protege e salva. Acreditam fervorosamente que, seguindo um certo credo ou sistema de pensamento, e forçando-se para se adaptarem a um certo molde de conduta e disciplina, atingirão o altissimo.

Como tentei expôr no domingo passado, a fé ou acceitação constitue um embaraço á profunda compreensão da vida. Infelizmente, em maioria somos incapazes de experimentar por nós proprios, ou falta-nos a inclinação para fazer o esforço; não temos vontade de pensar profundamente e de passar pela angustia real de ficar na incerteza. Assim sendo, apoiamo-nos na fé para nossa compreensão e conforto. Frequentemente pensamos que estamos mudando radicalmente e que a nossa attitude está sendo fundamentalmente alterada; desafortunadamente, porém, estamos mudando apenas as formas externas de nossa expressão, e apegamo-nos ainda ás exigencias internas e aos anseios de apoio e de conforto.

Em maioria, nós pertencemos á categoria dos que dependem da fé para explicação do seu proprio ser. Incluo nesta palavra fé, as numerosas e sutis solicitações, preces e supplicas dirigidas a um ser externo, seja ele um Mestre, ou um santo, ou o apelo á autoridade das crenças, dos idéaes e das diciplinas auto-impostas. Possuindo tal fé com tudo que lhe é implicito, necessariamente temos de criar dualidade em nossa vida; isto é, existe o atuante, esforçando-se sempre por se aproximar, a si e as suas ações, de um conceito, de um padrão, de uma crença, de um ideal. Ha portanto uma dualidade constante. Se examinardes a vossa propria attitude e ação na vida, verificareis que parece haver uma entidade separada que contempla a ação, que se esforça por amoldar, modelar o processo da vida de acôrdo com um certo padrão, e em consequencia disto ha sempre crescente conflito e tristeza. Se observardes, percebereis que esta dualidade na ação é a causa do atrito, do conflito e da miseria, pois o nosso esforço se despende em pôr a nossa vida de conformidade com um determinado padrão ou conceito. E pensamos que é inteligente e feliz o homem capaz de viver em completa união com o seu ideal, com as suas crenças preconcebidas. Considera-se sincera, sábia e nobre a pessoa que pôde modelar completamente as suas ações de conformidade com um principio, com um ideal. E isto mais não é que uma forma de rigidez, falta de plasticidade e, portanto, decadencia.

Ha assim em nossa vida o abstrato e o atual, sendo este o conflito e aquelle o inconciente, formado daquelas

crenças e idéas, daqueles conceitos e lembranças que o individuo tão cuidadosamente armazenou como um meio de auto-proteção. Em cada individuo está travado um conflito entre o abstrato e o atual, entre o inconciente e o conciente. Cada qual procura lançar uma ponte sobre o abismo que existe entre o inconciente e o conciente, e esta tentativa deve conduzir á rigidez da mente-coração e daí a um fenecimento gradual, a uma contração que impede a compreensão completa de si proprio e, portanto, do mundo. Imagina-se com frequencia que esta tentativa para unificar o atual com o abstrato dará lugar ao profundo preenchimento; discernindo, porém, isso não passa de uma fórmula sutil de evasão ao conflito da vida, de uma auto-proteção contra o movimento dela.

Antes de podermos tentar produzir esta unidade, necessitamos saber o que é o nosso inconciente, quem o criou e qual o seu significado. Se pudérmos compreender isto com profundidade, isto é, se nos pudermos tornar apercebidos dos nossos motivos, dos nosso conceitos, ações e reações sutis, então discerniremos que só existe a consciencia, o processo do "eu", que se torna perceptível ao senso como individualidade. Este processo deve sempre criar uma dualidade na ação e dar lugar á divisão artificial entre o conciente e o inconciente. Deste processo surge a concepção da divindade suprema, de um ideal, um objetivo, em direção ao qual haverá um esforço constante. Enquanto não compreendermos este processo, ha de haver ignorancia e, portanto, tristeza.

A falta de compreensão de nós mesmos é ignorancia. Isto é, o individuo precisa discernir como veio á existencia, o que o individuo é, o que são todas as suas tendencias, as reacções, motivos ocultos, crenças auto-impostas e perseguições. Emquanto cada pessoa não compreender isto profundamente, não pôde ter lugar a cessação da tristeza; e a confusão da ação, dividida em ação economica e religiosa, publica e privada, proseguirá. Os problemas humanos que atualmente nos perturbam só desaparecerão quando cada um de nós fôr capaz de discernir o processo da ignorancia que por si proprio se mantém. Para discernir é necessario ter paciencia e apercebimento constante.

Como expliquei, não ha começo para a ignorancia; ela se mantém pelos seus proprios anceios, pelas suas perseguições e exigencias aquisitivas e a ação se torna apenas um meio de sustental-a. Este processo de intercambio entre a ignorancia e a ação produz a consciencia e a identidade do "eu". Emquanto não souberdes o que sois e não discernirdes as varias causas que resultam no processo continuado do "eu", tem que haver illusão e tristeza.

Cada um de nós é unico no sentido de que está continuamente criando a sua propria ignorancia, a qual não tem começo e se mantém a si propria por meio das suas ações. Esta ignorancia, posto que não tenha principio, pôde chegar a um termo quando houver profundo discernimento a respeito desse circulo vicioso. Então não mais existirá o "eu" tentando sair do circulo para atingir

uma realidade maior, porém o proprio "eu" perceberá a sua natureza illusoria e, assim, distanciar-se-á de si proprio. Isto exige vigilancia e apercebimento constantes.

Estamos agora fazendo o esforço para adquirir virtudes, obter prazeres, posses, e estamos desenvolvendo muitas tendencias no sentido de maior accumulo e segurança; ou, se não estivermos fazendo isto, abordamos essas coisas negativamente, contestando-as e tentando desenvolver outra serie de auto-proteções sutis. Se examinardes este processo com cuidado, perceberéis que a consciencia, a mente se está sempre isolando por meio de desejos de aquisição e de auto-proteção. Neste processo separativista, cria-se a dualidade, que produz conflito, sofrimento e confusão. O proprio processo do "eu" cria as suas illusões, as suas tristezas, em virtude da ignorancia por ele criada. Para se compreender este processo é preciso que haja apercebimento, sem o desejo de escolher entre os opostos. A escolha na ação cria a dualidade, e esta afirma o processo da consciencia sob a forma de individualidade. Se a mente-coração, desconhecedora de suas proprias exigencias e persecuções secretas, das suas esperanças e temores, escolhe, tem que se dar a criação ulterior da limitação e a frustração. Assim, pela falta de entendimento de nós mesmos, dá-se a escolha, que cria circunstancias que necessitam de outra serie de escolhas, e a mente-coração cai repetidamente no cativeiro do circulo de limitação por ela propria criado.

Aqueles dentre vós que desejarem submeter á experiencia aquilo que digo, breve descobrirão que não existe cousa que se pareça com uma entidade externa ou ambiente a vos guiar, e que sois inteiramente responsaveis por vós mesmos, pelas vossas limitações e tristezas. Se verificardes isto, então o ambiente não mais se tornará uma força separada, em si mesma a controlar, a dominar, a torcer o preenchimento do individuo. Então principiaes a perceber que o que existe é sómente a consciencia, percebida sob a forma de individualidade, e que ela não esconde nem acoberta qualquer realidade. O processo do “eu” não labora no sentido da realidade, de maior felicidade, de maior intelligencia, e sim cria a sua propria tristeza e confusão.

Tomae um exemplo muito simples, e podereis provar isto por vós mesmos. Muitos dentre vós alimentam fortes crenças que pensaes serem o resultado da intuição; não o são, porém. Estas crenças são o resultado dos secretos temores, anseios e esperanças. Taes crenças guiam-vos inconscientemente, forçando-vos a certas atividades, e toda a experiencia se traduz de acôrdo com os vossos idéaes e crenças. Portanto, não ha compreensão da vida, mas tão sómente o armazenar de lembranças de auto-proteção que crescem de intensidade e limitação pelas experiencias ulteriores. Se estiverdes apercebidos, haveis de observar que este processo se está operando em vós e que as vossas atividades se estão aproximando de um padrão, de um ideal. A aproximação completa de

um ideal é denominada exito, preenchimento, felicidade; o que, porém, assim realmente se consegue, é a rigidez, o completo isolamento, a auto-proteção evadindo-se para a segurança e, portanto, não ha compreensão da vida, nem tão pouco ha cessação da ignorancia com sua tristeza e confusão.

PERGUNTA: *Qual é o proposito do sofrimento ? Servirá ele para nos ensinar a não repetirmos o mesmo erro ?*

KRISHNAMURTI: Não existe finalidade para o sofrimento. O sofrimento existe por causa da falta de compreensão. A maioria dentre nós sofre economicamente, espiritualmente, ou nas relações de uns para com os outros. Porque existe este sofrimento ? Economicamente possuímos um sistema baseado no espirito de aquisição, na exploração e no temor; este sistema é estimulado e mantido pelos nossos desejos, pelas nossas perseguições e por isso sustenta-se a si mesmo. O espirito de aquisição e o sistema de exploração teem que caminhar juntos, e estão sempre presentes onde houver ignorancia de si proprio. É outra vez um círculo vicioso; nosso desejo produziu um sistema, e este sistema sustenta-se a si mesmo, explorando-nos.

Ha sofrimento em nossas relações com outrem. Ele é creado por uma ancia interna de conforto, de segurança, de posse. Depois ha esse sofrimento criado pela profunda incerteza que nos propelle a procurar a paz, a se-

gurança, a realidade, Deus. Anciando pela certeza, inventamos muitas teorias, criamos muitas crenças, e a mente fica limitada e enredada nas suas malhas, superaquecida por elas, e por isso é incapaz de se ajustar ao movimento da vida.

Ha muitas especies de sofrimento, e se começardes a discernir a sua causa, perceberéis que o sofrimento deve coexistir com a exigencia, por parte de cada individuo, de se sentir seguro, seja financeira, seja espiritualmente, ou ainda nas relações humanas. Onde houver busca de segurança, grosseira ou sutil que seja, tem que haver medo, exploração e tristeza.

Em lugar de compreender a causa da tristeza, perguntaes qual a sua finalidade. Quereis utilizar a tristeza no sentido de obterdes algo em troca. Assim, principiaes a inventar a finalidade; dizeis que a tristeza é o resultado de uma vida passada, que é o resultado do ambiente, e assim por diante. Estas explicações vos dão satisfação, e por isso continuaes em vossa ignorancia, com a constante repetição da tristeza.

Onde houver ignorancia de si proprio, existe sofrimento. Ele nada mais é que um indicio da limitação, da falta de plenitude. Não ha remedio para o sofrimento em si. O sofrimento desaparece no discernimento do proprio processo da ignorancia.

PERGUNTA: *Não é verdade que os atos bons são recompensados e que, vivendo uma vida de bondade e de retidão, atingiremos a felicidade ?*

KRISHNAMURTI: Quem vos recompensa ? Chama-se recompensa, neste mundo, tornar a vida um successo, subir ás culminancias, explorar as pessoas, ser condecorado pelo governo ou por um partido, etc. E se vos negarem esta especie de recompensa, pretendeis uma de outra especie, uma recompensa espiritual — seja a de discipulo de um Mestre, a da iniciação, ou o reconhecimento por haverdes feito o bem em vossa vida passada.

Pensaes seriamente que exista uma tal cousa, a não ser como encorajamento e impeto infantil ? Imaginaes que isso tenha alguma validade ? Sois bons e amais porque ides alcançar uma recompensa agora, ou em uma vida futura ? Podeis rir ao ouvir isto, porém, se examinardes e comprehendereis profundamente os vossos motivos e ações, perceberéis que estão tintos desta idéia de recompensa e punição. Portanto, as vossas ações jamais são integraes, completas e plenas. Disto surge a tristeza e o conflito, e as nossas vidas tornam-se pequenas, mesquinhas e sem profundo significado.

Se não existe recompensa nem punição e, portanto, ha completa libertação do temor, qual é, então, o proposito da vida ? Esta seria a pergunta natural a fazer, por haverdes sido adestrados a pensar em termos de recompensa e punição, de atingimento, de competição, e de todas essas qualidades que, pretendeis, constituem a natureza humana. Quando houvermos compreendido profundamente o significado da nossa existencia, do processo da ignorancia e da ação, veremos que aquilo que denomi-

namos finalidade não tem significado. A simples busca do propósito da vida, acoberta-nos e desvia-nos da compreensão de nós próprios.

A recompensa não tem significado; é uma simples compensação pelo esforço dispendido. Todo o esforço empreendido no sentido de obter uma recompensa, neste mundo ou no além, leva á frustração; e a recompensa transforma-se em cinza na boca.

PERGUNTA: *Não consideraes a filantropia um elemento importante no sentido de criar um novo ambiente que conduza ao bem estar humano?*

KRISHNAMURTI: Se consideramos a filantropia como sendo o amor do homem pelo homem e o esforço para promover-lhe a felicidade, então ela terá valor sómente até ao ponto em que considerarmos o ser humano como individuo unico, e o ajudarmos a compreender que em suas proprias mãos está a sua felicidade e o bem estar do todo. Receio, porém, que se não considere isto filantropia; isto porque nós, em maioria, não percebemos que somos unicos, que o processo de crear ignorancia e tristeza está ao nosso alcance, e que, sómente por meio da compreensão de nós próprios, delas nos poderemos libertar. Se isto for plena e profundamente compreendido, a filantropia não terá mais significado.

A caridade torna-se meramente uma compensação, e servem-lhe de companhia todas as explorações sutis e grosseiras a que o homem já tanto se acostumou.

Quinta palestra em Oak Grove

Em 3 de Maio de 1936.

Desejo explicar esta manhã uma idéia, e se pudermos alcançá-la, não tanto como um fato, mas como algo de profundo e significativo, penso que então ela terá um amplo valor em nossas vidas. Portanto, é favor ajudar-des-me, refletindo comigo.

Em maioria, temos criado um conceito da realidade, da imortalidade, de algo que é constante, eterno. Temos uma vaga inclinação a procurar aquilo a que chamamos Deus, verdade, perfeição, e lutamos constantemente para realizar esses idéias e essas concepções. Para nos servir de auxílio na busca desses objetivos, possuímos sistemas, modos de conduta, disciplinas, meditações e outros meios de ajuda, sendo que nestes estão incluídas as alfaías das igrejas, as cerimônias e outras formas de culto, pois supõe-se que tudo isso nos ajuda a realizar essas concepções da realidade que nós próprios criamos. Fizemos assim em movimento o processo da necessidade, do desejo.

Ora, ha em nós uma carencia perpetua e um lutar perene pela satisfação a que chamamos "realidade". Esforçamo-nos por nos amoldarmos á conformidade de um padrão de acôrdo com um particular sistema de conduta, de comportamento, que promete dar-nos o entendimento e a satisfação decorrentes daquilo a que chamamos realidade, felicidade.

Esta carencia é inteiramente diferente da busca. A carencia indica vacuidade, o esforço para tornar-se alguma coisa, ao passo que a verdadeira busca conduz á compreensão profunda. Antes que possamos compreender o que seja a verdade, a realidade, ou saber se tal coisa existe, precisamos discernir o que é isso que está constantemente buscando. O que é que está sempre em movimento de carencia ? O que é que está sempre anejiando, procurando o attingimento ? Enquanto não houvermos compreendido isto, a carencia será um processo infindavel que impede o verdadeiro discernimento; e haverá um constante lutar sem entendimento, um proselitismo cego, um temor incessante, cheio de muitas ilusões.

Portanto, do que se trata não é de saber o que é a realidade, o que é Deus, a immortalidade, e se o individuo deve ou não acreditar nisso, porém, sim, de saber que coisa é essa que luta, que carece, que teme e aneia. O que é e porque aneia ? Qual o centro em que este querer tem sua existencia ? O que é a consciencia, a concepção da qual partimos e na qual temos o nosso ser ? A partir daí é que devemos iniciar a nossa investigação.

Vou tentar explicar este processo de carencia que cria a sua propria prisão de ignorancia; e por favor, atravessa a ponte das palavras, pois a mera repetição das minhas frases não poderá ter significação perduravel.

Isso que está de continuo aneando, é a consciencia que se tornou perceptivel sob a forma de individuo. Isto é, existe um "eu" que carece. O que é o "eu"? — Existe uma energia que se mantém por si mesma, uma força que, por meio do seu desenvolvimento, se torna consciencia. Esta energia ou força é unica para cada ser vivo. É por meio dos sentidos que esta consciencia se torna perceptivel ao individuo. É, ao mesmo tempo, auto-mantenedora e auto-energetica, se me é permitido usar destes termos. Isto é, não sómente ela propria se mantém e suporta, pela sua propria ignorancia, pelas suas tendencias, reações e carencias, como tambem, por esse mesmo processo, vai armazenando suas proprias energias potenciaes; e este processo sómente pôde ser plenamente comprehendido pelo individuo, mediante o discernimento desperto.

Vêdes algo, algo de atraente, e vós o quereis e o possuis. Está assim firmado este processo de percepção, de carencia e de aquisição. Este processo é sempre auto-sustentador. Existe uma percepção voluntaria, uma atração e repulsão, um apegar ou rejeitar. O processo do "eu" é assim auto-ativo. Isto é, não sómente ele proprio se expande, mediante seus voluntarios desejos e ações, como se mantém, a si proprio, pela sua ignorancia, tendencias, carencias e aneios. A chama sustenta-se

pelo seu proprio calor, sendo que esse mesmo calor é a chama. Agora, exatamente do mesmo modo, o "eu" sustenta-se a si mesmo por meio da carencia, das tendencias e da ignorancia. E apesar disso o proprio "eu" é a carencia. O material para produzir uma chama tanto póde ser uma vela como um pedaço de madeira; e o material para o processo do "eu" é sensação, consciencia. Este processo não teve principio e é unico para cada individuo. Fazei experiencias neste sentido e discernireis por vós mesmos até que ponto ele é real e efetivo. Nada mais existe senão o "eu" e este "eu" não esconde cousa alguma, nenhuma realidade. Ele é ele proprio, e mantém-se continuamente a si mesmo, mediante suas proprias e voluntarias exigencias e atividades.

Assim, este processo contínuo de querer, cria a sua propria confusão, tristeza e ignorancia. Onde houver carencia não póde haver discernimento. Isto é muito simples de ver, com um pouco de reflexão. Anciaes pela felicidade. Procuraes um meio de atingil-a. Alguem oferece-vos esse meio. No entanto, vossa mente-coração está tão cega pelo intenso desejo de felicidade que se torna incapaz de discernir. Ainda que penseis estar examinando e analisando o meio que vos é oferecido, essa anciancia profunda de satisfação, de felicidade, de segurança, impede-vos no entanto a clareza da compreensão. Portanto, onde houver carencia não póde haver verdadeiro discernimento.

Pela carencia criamos confusão, ignorancia e sofrimento, e depois pomos em movimento o processo da evasão. A esta evasão chamamos busca da realidade. Vós dizeis: quero encontrar Deus, quero atingir a verdade, a libertação; procuro a immortalidade. Jamais perguntaes a vós mesmos o que é esse “eu” que procura. Tendes como certo que o “eu” é algo de perduravel, algo em si proprio e que é criado por alguma entidade suprema. Se procederdes a um exame profundo, verificareis que o “eu” nada mais é que ignorancia, tendencias, vontades auto-acumuladas, e que não esconde em si cousa alguma.

Uma vez compreendido isto profundamente, jamais perguntareis: devo libertar-me de todas as minhas carencias? Não devo ter crenças? Não devo ter idéaes? Devo estar isento de desejos? É erroneo ter qualquer anseio? O compreender este processo do “eu”, em conjunto, exige da vossa parte verdadeira reflexão e profunda penetração, por meio do discernimento. Se compreenderdes o surgimento, o vir-a-ser da consciencia por meio da sensação, da vontade, e perceberdes que da consciencia nasce a unidade denominada o “eu”, que, em si mesmo, não esconde nenhuma realidade, então despertareis para a compreensão da natureza deste circulo vicioso. Quando se dêr o entendimento do seu significado, então terá lugar uma nova compreensão, algo de novo que não está embaraçado pela carencia, pela ancia, pela ignorancia. Então podereis viver neste mundo, inteligentemente, por maneira sã, em plenitude profunda, e, apesar disso, não

ser do mundo. A confusão surge apenas quando sois tornados incapazes de ajustamento em virtude das vossas concepções fantasticas e prejudiciaes, dos vossos idéaes e crenças.

Se puderdes compreender profundamente este processo auto-sustentador de ignorancia que dá solidez ao “eu”, e do qual surgem toda a confusão e sofrimento, então a vida poderá ser vivida plenamente, sem as varias e sutis evasões e persecuções que, sem o saber, vós proprios haveis criado. Então virá á existencia esse algo extraordinario, uma plenitude, uma bemaventurança. Antes, porém, que isto possa ter lugar, é preciso que haja entendimento profundo do processo do “eu”; a não ser que haja essa compreensão, o processo do “eu” estará sempre criando a dualidade em si proprio, por meio do desejo. Quando ha discernimento, a persecução da virtude, a tentativa de vos unificardes com a realidade, com Deus, perde o seu significado. Para discernir este processo, não pôde haver aceitação de crença alguma, não pôde ter lugar a persecução de nenhum idéal nem o amoldamento a um padrão de conduta. Precisaes discernir por vós mesmos, profunda e significativamente, a causa desta miseria, confusão e ignorancia que decorre do processo do “eu”. Então virá á existencia uma ventura cuja extensão não pôde ser medida por meio de palavras.

PERGUNTA: *Devido aos liames do parentesco (relações mutuas) pôde a pessoa pela propria natureza*

do parentesco ser compelida a fazer algo que não gosta de fazer. Pensais que, com taes liames, se possa viver em plenitude ?

KRISHNAMURTI: Antes de podermos compreender o que seja viver plenamente, vamos descobrir o que entendemos por parentesco (relações mutuas). Parentesco é moralidade. As relações mutuas implicam um vivo contacto, seja com uma pessoa, seja com muitas. Essas relações, essa moral, torna-se impossivel quando nós, como individuos, somos incapazes de ter plasticidade. Isto é, se o individuo está limitado pela ignorancia, pelas suas tendencias, pelas varias formas de aquisição e de carencia, existe uma barreira, um obstaculo que lhe impede o contacto vivo com outra pessoa. E como essa outra pessoa possui tambem as mesmas limitações, as verdadeiras relações tornam-se quasi impossiveis. Desde que não existe esse vivo contacto, criámos um modo de conduta a que chamamos moral, e tentamos forçar o nosso procedimento a acomodar-se aos moldes dessa moral, desse padrão. Se tivermos as relações mutuas como sendo a verdadeira, a profunda compreensão de si proprio, então daremos á moral, ao parentesco, ás relações, um significado inteiramente diferente.

Na maioria, pensamos que são necessarios codigos, sistemas, disciplinas para a moral. Podem ser necessario para os incapazes de reflexão profunda; ninguém entretanto póde julgar quem é capaz e quem não o é. Não

digaes que tal ou qual pessoa necessita de um código disciplinar; é o individuo que tem de descobrir por si proprio essa moral ativa, essas vivas relações, e isto exige uma plasticidade profunda e creadora, que sómente pôde ser experimentada quando as limitações individuaes houverem sido profundamente discernidas e compreendidas as suas causas. Desde que a vossa vida é eivada do espirito de aquisição e carencia, tem que haver nela uma tensão contínua em relação a outrem, que tambem possui esse espirito de aquisição, e isto impede as verdadeiras relações, seja entre os individuos, seja entre as nações. Esta tensão conduz a conflitos, a guerras e a muitas formas grosseiras e sutis de exploração.

Se estiverdes apercebidos de vossas particulares exigencias, das multiplas formas do espirito de aquisição que ha em vós, e assim compreenderdes o processo da ignorancia auto-ativa, então não mais haverá seleção, retraimento nem rejeição, mas esses mesmos anceios e carencias fenecerão, tombando como folhas do outono. Então poderá haver o verdadeiro parentesco, no qual não mais existirá a luta constante do individuo para se ajustar a outrem.

PERGUNTA: *Pela meditação sobre o Mestre, o individuo pôde realizar a beatitude da união conciente com ele. Nesse estado, todo sentimento do "eu" desaparece. Não será isto de grande valor para derrubar as limitações do Ego ?*

KRISHNAMURTI: Certamente que não. Isso jamais pôde dar-se. A pergunta está mal feita. Examinemol-a :

Em primeiro lugar, compreendamos o que entendeis por um Mestre. Infelizmente, escreveram-se livros em grande quantidade acerca dos Mestres, das iniciações, dos discipulados, e muitas sociedades, pretensamente espirituaes, foram constituídas tomando isto por tema. Existem muitos *swamis* e *yogis*, que estimulam e cultivam todas essas concepções. Vós, que buscaes a satisfação a que chamaes felicidade e verdade, vos tornaes seus instrumentos e sois explorados por eses professores, esses leaders e suas sociedades.

O Mestre pôde ser ou uma concepção, ou uma coisa efetiva. Se fôr uma concepção, uma teoria, jamais se poderá tornar dogmatico. Então estará o assunto aberto á especulação, para ser discutido sob o ponto de vista daquilo a que se chama evolução. Tem, portanto, que permanecer coisa abstrata que jamais pôde ser utilizada como coisa efetiva para servir de ponto de partida a determinadas atividades, ás ações e a modalidades de conduta. Se fôr uma abstração, não está eivada do aguilhão do temor, apresentado sob a fórmula de recompensa e punição. Não é este, porém, o caso daqueles que falam acerca dos Mestres e do seu trabalho. Eles confundem as duas cousas, a abstrata e a efetiva. Em dado momento, falam a respeito dos Mestres do ponto de vista de idéia abstrata, e no momento seguinte, fazem deles uma atua-

lidade, dizendo-vos, a vós que sois os seguidores, o que os Mestres desejam que penseis e façaes. Sois, assim, colhidos pela confusão, e — cousa bastante curiosa — são os vossos proprios desejos que criam essa confusão. Esse processo de fazer dos Mestres entidades efetivas, vem lentamente, por meio de sugestões e mensagens, até acreditardes que os vossos leaders encontraram realmente os Mestres, e que esses seres lhes explicaram a maneira de salvar a humanidade; e vós outros, pela pretensa devoção, que realmente é temor, seguis esses leaders e sois explorados. Dá-se, por essa forma, uma entremescla constante de conceito e concreção.

Quem pôde julgar o que seja um Mestre? Para alguns, o Mestre é uma pessoa que possui poderes extraordinarios; para outros, talvez seja alguém que revele um conhecimento especial. A sabedoria, porém, não se realisa por meio de outrem, seja um Mestre ou cientista. Vós julgaes que alguém é Mestre, de acôrdo com as vossas idiosincrasias, preconceitos e tendencias particulares. Deve ser esse o caso, mesmo por parte daqueles que se supõem serem representantes dos Mestres. As pessoas julgam sempre os outros, quer os chamados Mestres, quer o seu proximo, de acôrdo com o seu peculiar fundo de idéias. Vós jamais pondes em duvida o fundo de idéias da pessoa que vos diz representar os Mestres ou ser seu mensageiro, porque estaes buscando a felicidade, e desejais simplesmente ser guiados e que se vos diga exatamente o que deveis fazer. Obedeceis, portanto, em virtude do medo a que chamais amor, intuição, seleção vo-

luntaria² ou lealdade. Imaginaes haver examinado, analisado, compreendido e que, intuitivamente, concordaes com aquilo que os vossos particulares leaders dizem. Não podeis, porém, realmente discernir, pois sois arrastados pelos vossos proprios desejos intensos. Assim, infelizmente, as pessoas, não só neste país como por toda parte, cáem nesta armadilha de exploração.

Não pretendo que concordeis comigo; se, porém, sem desejo algum, examinardes integralmente esta idéia de um Mestre a vos conduzir á verdade, então verificareis quão insensata ela é. Se houverdes, até certo ponto, percebido o que expliquei a respeito do processo do “eu”, não ireis meditar sobre o Mestre, seja sob a fórma do que chamaes idéal elevado ou “eu” superior, seja sob a fórma de uma imagem gravada em vossa mente, mediante retratos e propagandas. Taes formas de meditação tornam-se apenas sutis escapúlas. Embora experimenteis certa especie de sensação e com ela vos maravilheis e entusiameis, haveis de verificar que ela não possui validade alguma e que apenas conduz á rigidez da mentecoração.

Meditação é uma plasticidade e percebimento constantes, não um ajuste a qualquer padrão ou modalidade de conduta. Esforçae-vos por vos apecerberdes de vossas idiosinerasias, fantasias, reacções e desejos inerentes á vossa vida diaria, e compreendei-os; daí é que advirá a realidade do preenchimento. Para atingirdes esta profunda compreensão, não pode haver sistema algum. Ne-

nhum Mestre vol-a pôde par, nem tão pouco a ela vos conduzir. Se alguém vos disser que o pôde, não é mestre. O processo da ignorancia auto-ativa e o seu discernimento é cousa unica para vós. Outrem dela não vos pôde libertar. Acautelai-vos daquele que se oferece para destruir as paredes das vossas limitações. Se realmente compreenderdes isto, vereis que significativa mudança se opera em vossa vida. Libertos do medo, do desejo, a que tão frequentemente se chama amor e devoção, não mais sereis explorados pelas igrejas, pelas sociedades pretensamente religiosas e espirituaes, pelos sacerdotes, pelos pretensos mensageiros dos Mestres e pelos *swamis e yogis*. A verdadeira meditação é o discernir do nosso proprio processo unico de crear ignorancia e sermos colhidos por ela, apercebendo-nos desse processo.

PERGUNTA: *O sistema economico não pôde mudar enquanto não mudar a natureza humana, e a natureza humana não mudará enquanto o sistema existir e encorajar a natureza humana a permanecer como actualmente é. Como então ha de vir o rompimento?*

KRISHNAMURTI: Imaginaes que este sistema veio á existencia espontaneamente, por si proprio ? Ele é creado pela chamada natureza humana. A natureza humana é que tem de mudar primeiro, não o sistema. Um sistema pôde servir de auxilio ou de embaraço, porém, fundamentalmente, o individuo necessita começar a transformar-se a si mesmo.

Por certo que se todos vós refletissemos profundamente por exemplo a respeito da guerra, em conjunto, desse assassinato em grande escala, esse assassinato uniformizado, com condecorações, clamores de alegria e de louvor, trombetas, bandeiras e bençãos de sacerdotes; se sentissemos com profundidade a este respeito, e percebessemos o que tem de crueldade e de infantis absurdos sobre a sua maneira espantosa de maltratar o homem, obrigando-o a tornar-se uma maquina militar, pelos multiplos processos exploradores do nacionalismo, e assim por diante, — se vós, como individuos, realmente percebessemos este horror, certamente recusariemos que vos utilisassem para efetivar a guerra e a exploração. Vós, como individuos, não serieis utilizados, explorados mediante a propaganda. Vós, como individuos, perderiemos todo o sentimento de nacionalidade.

Como havemos de modificar qualquer sistema de exploração, seja ele economico, religioso ou social, a não ser que comecemos por nós proprios, a não ser que vejamos profundamente a necessidade de semelhante mudança, não apenas momentaneamente, durante esta reunião, porém continuamente em vossas vidas? Quando, porém, sentis a pressão de um sistema, exercido, ou praticado pelo vosso proximo, pelos vossos chefes, pelos vossos empregados, torna-se então para vós muito difficil manter esta profunda compreensão. Assim, a mente-coração precisa perceber a completa necessidade de libertar-se de seus desejos, aparentemente infundaveis.

Como isto exige um esforço individual, que não gostamos de fazer, procuramos um sistema que nos ajude a sair desta miseria; temos esperança de que um sistema nos obrigue a viver decente e inteligentemente. Este caminho leva á arregimentação e a miseria ainda maior, não ao profundo preenchimento.

A não ser que profundamente sintaes tudo isto e façaes um esforço para vos libertardes das limitações auto-impostas, o sistema vos aprisionará, tornar-se-á um processo mantido por si proprio. Embora seja isento de vida, ele será sustentado pelas vossas energias unicas individuaes. Ha aqui novamente um circulo vicioso. O desejo cria o sistema de exploração e o sistema mantém o desejo. Assim, está o homem aprisionado por esta maquina e diz: Como hei de sair dela? Procura alguém afim de que o tirem para fóra dela, porém, assim, apenas será transferido para uma outra prisão, para outro sistema de exploração. Ele proprio, em virtude da sua ignorancia e do processo auto-ativo desta, criou a maquina que o prende, e sómente por si mesmo, pelo seu proprio discernimento quanto ao processo do "eu", é que poderá efetivar-se a verdadeira felicidade e preenchimento.

PERGUNTA: *Só em raros momentos deixa o individuo de estar conciente de si proprio como de um ser separado, uma entidade pensante. Entretanto, a maior parte do tempo o individuo é conciente de si proprio e*

de estar oferecendo resistencia á vida. Explicae, peço-vos, a razão porque tem lugar esta resistencia.

KRISHNAMURTI: Não é o preconceito uma resistencia? E está tão arraigado o preconceito — preconceito de classe, de nacionalidade, de religião e de outras formas de crença. Taes tendencias são formas do processo do “eu”. Enquanto não discernirmos este processo de criar crenças, preconceitos, tendencias, tem que haver sempre resistencia á vida. Se, por exemplo, sois pessoa religiosa e possuís uma crença forte de que existe a immortalidade, essa crença atúa como resistencia á vida, e impede a propria compreensão da immortalidade. Essa crença fortifica continuamente a barreira, a resistencia, por ter sua base no desejo. Imaginaes que para vós, como individuos, existe uma continuidade, uma mansão onde ficareis salvos para sempre. Póde esta crença ser sutil ou grosseira, porém em essencia é uma ancia pela continuidade pessoal. Como a grande maioria das pessoas possui esta crença, quando a realidade principia a mostrar-se, manifesta-se nelas a tendencia a rejeital-a e, portanto, resistem-lhe, sendo que essa resistencia cria conflito, miseria e confusão. Vós, porém, não abandonaes esta idéia da immortalidade, porque ela vos proporciona esperanza, coragem e a profunda satisfação da segurança.

Possuimos muitos preconceitos, sutis e grosseiros, e cada individuo, por ser unico, sustenta a sua propria

ignorancia mediante as suas atividades volitivas. Se não compreenderdes plenamente esta ignorancia auto-ativa em toda a sua inteireza, estareis de continuo criando barreiras, resistencias, e aumentando por esse modo a miseria. Precisaes, pois, tornar-vos apercebidos deste processo e, com um tal discernimento, advirá, não o desenvolvimento de um oposto, porém a compreensão da realidade.

Sexta palestra em Oak Grove

Em 10 de Maio de 1936

Alguns de vós talvez pensem que eu seja repetidor, e póde bem ser que esse seja o caso, pois as perguntas que me foram enviadas, as entrevistas e as conversações que em geral tive, deram-me a impressão de que ha pouca compreensão do que eu disse; e assim, tenho que repetir a mesma cousa por diferentes palavras. Espero que aqueles dentre vós que mais ou menos apanharam as idéias fundamentaes, tenham a paciencia de escutar novamente o que tenho a dizer.

Ha tanto sofrimento, em modalidades tão variadas, que se sente angustia de o vêr. Isto não é frase vasia. Percebe-se tanta crueldade e tanta exploração ao redor de nós, que constantemente nos perguntamos qual a causa da tristeza e por que meio poderia ela ser dissipada.

Ha pessoas que acreditam firmemente que a miseria do mundo é o resultado de uma desgraça cujo dominio se acha fóra do alcance do homem, e que a felicidade e

a libertação do sofrimento sómente pôdem existir num outro mundo, quando o homem voltar a Deus. Esta atitude perante a vida é completamente erronea, do meu ponto de vista, pois este cáos é obra do proprio homem.

Para discernir o processo do sofrimento, cada qual deve compreender-se a si mesmo. O compreender-se a si mesmo é uma das mais dificeis tarefas que existem, porque exige o mais ingente dos esforços, uma vigilancia constante, e muito poucos possuem a tendencia ou o desejo de compreender profundamente este processo do sofrimento e da tristeza. Temos mais oportunidade para dissipar as nossas energias em divertimentos absurdos, conversas futeis e finalidades vãs, do que para buscar, penetrar profundamente em nossas proprias exigencias, necessidades, crenças e idéaes psicologicos. Isto implica um extremo esforço da nossa parte e, como não desejamos pol-o em pratica, preferimos escapar para todas as especies de satisfações faceis.

Se não nos evadirmos pelas diversões, fazemo-lo através das crenças, das atividades promovidas por organizações, com suas lealdades e compromissos. Essas crenças tornam-se um escudo que impede de nos compreendermos a nós mesmos. As sociedades religiosas prometem auxiliar-nos a nos compreendermos, porém, desventuradamente, somos explorados e apenas repetimos suas frases e sucumbimos á autoridade dos seus leaders. Portanto, essas organizações, com suas restrições crescen-

tes e as suas promessas secretas, desviam-nos para outras complicações que nos tornam incapazes de nos compreendermos a nós próprios. Uma vez que nos tenhamos comprometido com uma sociedade determinada, com seus orientadores e amigos, começamos a desenvolver aquelas lealdades e responsabilidades que nos impedem de sermos integralmente honestos conosco próprios. Ha, naturalmente, outras formas de evasão por meio de diversas atividades superficiais.

O compreendermo-nos profundamente a nós próprios, exige equilíbrio. Isto é, o individuo não pôde abandonar o mundo esperando compreender-se ou então emaranhar-se por tal maneira no mundo que não tenha oportunidade de compreender-se. Deve existir equilíbrio, nem renuncia nem aquiescencia. Isto exige vigilancia e profundo apercebimento. Precisamos aprender a observar as nossas ações, pensamentos, idéaes, crenças, silenciosamente e sem julgamento, sem os interpretar, de modo a sermos capazes de discernir seu verdadeiro significado. Precisamos em primeiro lugar, ser conhecedores dos nossos idéaes, objetivos, desejos, sem os aceitar ou condenar como bons ou maus. Presentemente não nos é possível discernir o que é verdadeiro e o que é falso, o que é perduravel e o que é transitorio, porque a nossa mente está de tal maneira estropiada pelas necessidades, idéaes e escapúlas auto-criadas, que é incapaz de verdadeira percepção. Assim, pois, precisamos, em primeiro lugar,

aprender a ser observadores silenciosos e equilibrados das nossas limitações e atritos que nos causam tristeza.

Se começardes a observar, verificareis que estaes buscando novas explicações, definições, satisfações, idéaes, imagens graficas e quadros em substituição dos antigos. Tendes aceito as crenças, explicações e retratos antigos, porque vos deram satisfação; e agora, em virtude do atrito com a vida, estaes verificando que não mais vos dão aquilo por que anciaes. Portanto, buscaes novas explicações, novas esperanças, novos idéaes e evasivas, porém sempre com o mesmo fundo de carencia e satisfação. Depois, principiaes a comparar as antigas explicações com as novas e escolheis as que vos proporcionam maior segurança e contentamento. Imaginaes que, aceitando as novas explicações e idéaes, encontrareis felicidade e paz. Como o que exigis é contentamento e satisfação, ajudaes a criar crenças e explicações que preenchem a vossa carencia, e depois começaes a modelar o vosso pensamento e conduta de acôrdo com esses novos moldes. Se observades, verificareis que isto é assim. Visto haver tanto sofrimento, interna e externamente, desejaes conhecer-lhe a causa; porém, facilmente vos satisfazeis com explicações e continuaes a sofrer. Para a mente que discerne, as explicações valem tanto como poeira.

Alguns dentre vós acreditam na idéia da reencarnação. Vindes perguntar-me o que eu penso: se a reen-

carnação é ou não um fato, se me recordo das minhas vidas passadas, e assim por diante. Ora, porque me interrogaes? Porque pretendeis saber o que penso a respeito? Quereis mais uma confirmação da vossa crença a que chamaes um fato, uma lei, porque vos proporciona uma esperança, um proposito na vida. Assim, pois, a crença torna-se para vós um fato, uma lei, e ides á busca da confirmação da vossa esperança. Ainda que a confirme, isso não será de vital importancia para vós. Seja ela para mim o que fôr, real ou falsa, o que importa para vós é discernirdes por vós proprios essas concepções pela ação, pelo viver, e não o aceitardes afirmações, sejam elas quaes forem.

Ha tres condições da mente: “sei”, “acredito” e “não sei”. Ao dizerdes: “sei”, isso significa que sabeis por experiencia propria e que, por meio dessa experiencia, vos tornaes certos e convencidos de uma idéia, de uma crença. Porém, essa certeza, essa convicção pôde estar baseada na imaginação, num preenchimento do desejo que para vós gradualmente se torna um fato, e por isso dizeis: “eu sei”. Algumas pessoas dizem que a reencarnação é um fato, e talvez que para elas assim seja, pois dizem-se capazes de recordar suas vidas passadas; a vós, porém, que anciaes pela continuidade, o que a reencarnação vos proporciona é esperança e proposito, e por isso vos aferraes a essa idéia dizendo ser a vossa intuição que vos impele a aceitá-la como um fato, uma lei. Aceitaes a idéia do renascimento pela afir-

mação de outrem, sem jamais pôr em duvida o seu conhecimento que bem pôde ser imaginação, alucinação, ou a projecção de um desejo. Aniciando pela auto-perpetuação, pela immortalidade, tornaes-vos incapazes de verdadeiro discernimento. E se não disserdes “eu sei”, então dizeis: “acredito na reencarnação porque ela explica as desigualdades da vida”. Mais uma vez, esta crença, que dizeis fundada na intuição, é o resultado de uma esperança oculta, de um desejo de continuidade.

Assim, pois, tanto o “sei” como “acredito” são inseguros e incertos, para que neles se confie. Se, porém, puderdes dizer “não sei”, compreendendo plenamente o significado disto, então ha para vós uma possibilidade de perceberdes aquilo que é. Permanecer num estado de “não saber”, exige grande desnudamento e um estrenuo esforço, porém não é um estado negativo; é um estado vitalissimo e ardente para a mente-corção que não se apega a explicações e afirmações.

O individuo pôde, casual e facilmente dizer que não sabe, e a maioria das pessoas o diz. Ouve-se e lê-se tanto a respeito da causa do sofrimento que, inconscientemente, começa-se a aceitar essa explicação e a rejeitar aquela outra, de acôrdo com os ditames da satisfação e da esperança. Como a maioria das pessoas tem a mente tumultuante de crenças, preconceitos, ocultas esperanças e exigencias, é-lhes quasi impossivel dizer “não sei”. Estão tão ligados a certas crenças, pelos seus anceios internos, que jamais se encontram em estado de

completa bancarrota. Jamais se acham nesse estado de completo desnudamento, estado em que todos os apoios, explicações, esperanças e influencias cessaram por completo.

Só começamos a discernir o que é verdadeiro quando toda a carencia cessa, pois a carencia cria as crenças, os idéas e as esperanças que são meras evasões. Quando a mente não mais procura segurança, sob qualquer forma que seja, quando não exige explicações nem confia em influencias sutis, então, nesse estado de nudez se encontra o real, o permanente. Se a mente fôr capaz de discernir que está criando a sua propria ignorancia pelo aneio, e que se está perpetuando em virtude da sua propria ação de carencia, a consciencia então transforma-se em realidade. Então ha permanencia, então tem lugar o fim da transitoriedade da consciencia. A consciencia é a ação, ou atrito, entre a ignorancia e as provocações exteriores da vida, do mundo; e esta consciencia, esta luta e tristeza, vão-se perpetuando pela carencia, pela ancia que cria a sua propria ignorancia.

PERGUNTA: *Por favor, explicae mais claramente o que entendeis por plasticidade da mente.*

KRISHNAMURTI: Não é necessario ter mente flexivel e alerta? Não deve o individuo ter mente sumamente plastica? Não deve a mente ser semelhante a uma arvore, com suas raizes profundamente cravadas no sólo, cedendo, apesar disso, aos ventos que passam?

Ela é ela própria, e pôde, portanto, ser plástica. Ora, que é que nos ocupa? Esforçamo-nos por nos tornarmos alguma coisa, e glorificamo-nos nesse vir-a-ser.

Esse vir-a-ser não é preenchimento, mas sim imitação, a copia de um padrão, daquillo que se denomina perfeição; é proselitismo, obediencia, afim de conseguir o desejado e ter exito. Isso não é preenchimento. Uma linda rosa, ou uma linda violeta é uma flôr perfeita, e isso é em si preenchimento; seria baldado querer que a violeta fosse como a rosa. Estamos continuamente esforçando-nos por ser alguma cousa, e por isso a mente-coração torna-se cada vez mais rigida, limitada, estreita, e incapaz de profunda plasticidade. Assim, cria ela outras resistencias para sua auto-proteção contra o movimento da vida. Essas resistencias auto-creadas impedem a mente-coração de compreender suas proprias atividades que geram e aumentam a ignorancia. A plasticidade da mente não está no vir-a-ser alguma coisa, na adoração do exito, e só é conhecida quando a mente se despe das resistencias que ela própria trouxe á existencia por meio da ancia. E' isto o verdadeiro preenchimento. Nele está o eterno, o permanente, a plasticidade perpetua.

PERGUNTA:: *Conheço todas as minhas limitações, porém elas permanecem ainda comigo. Que é, pois, o que que quereis dizer por trazer o subconciente para o conciente?*

KRISHNAMURTI: Por certo, Snr., conhecer as nossas limitações não é o bastante, não é assim? Não vos compete discernir o seu significado? Tenho dito durante anos, que certas cousas são limitações; e talvez tenhaes repetido as minhas palavras sem as compreender profundamente, e depois dizeis: "conheço as minhas limitações". O estrenuo apercebimento das vossas limitações acarreta a sua dissipação.

As cerimoniaes, bem como outras perversões do pensamento, são para mim limitações. Suponde que concordaes e quereis descobrir se a vossa mente está presa nessas limitações. Principiaes por vos aperceber delas, não julgando mas observando e discernindo silenciosamente se certas reacções são prejudiciaes, se são limitadas. Esse mesmo discernimento e apercebimento, sem criar uma qualidade oposta, desaloja da mente essas resistencias e restrições prejudiciaes. A pergunta: "Como hei de libertar-me das minhas limitações" indica que delas não estaes apercebidos, que não ha em vós um esforço vigoroso para discernir. Ha alegria nesse ardente apercebimento, na propria luta. O apercebimento não tem recompensa.

PERGUNTA:: *Tenho escutado as vossas palestras durante varios anos, porém, francamente, ainda não alcancei o que vos esforçaes por transmitir. Vossas palavras sempre se me afiguraram vagas, ao passo que os escritos de H. P. Blavatsky, Rodolpho Steiner, Annie Be-*

sant e alguns ouiros, grandemente me ajudaram. Não haverá diversas maneiras de apresentar a verdade, e não será a vossa a maneira do místico, diferente da do ocultista ?

KRISHNAMURTI: Não sei quantas vezes tenho já respondido a esta pergunta, porém, se assim o desejares, responderei novamente. Toda a explicação, toda a medida da verdade, tem que ser errônea. A verdade deve ser compreendida, discernida, não se explica. Ela é, mas não deve ser procurada. Portanto, não pode haver uma ou muitas maneiras de apresentar a verdade. Aquilo que é apresentado como verdade, não é a verdade.

Podeis, então, perguntar-me: O que é que estaes tentando fazer? Se não nos estaes dando um quadro gráfico da verdade, se não estaes medindo para nós o imensurável, o que é, então, que estaes fazendo? Tudo o que estou tentando fazer é auxiliar-vos a discernir por vós mesmos que fóra de vós não ha salvação, que nenhum Mestre, nenhuma sociedade vos pôdem salvar; que nenhuma igreja, nenhuma cerimonia, nenhuma prece pôde derrubar as limitações e restrições por vós proprias criadas; que sómente por meio de vosso proprio vigoroso apercebimento advem a compreensão do real, do permanente; e que vossa mente está por tal modo turbilhonante, tão super-aquecida de crenças, idéas, carencias e esperanças, que é incapaz de percepção. Isto é certamente claro, simples, definido; não é vago.

Cada individuo, pela sua propria carencia, cria ignorancia, e essa ignorancia, mediante as suas atividades volitivas, vai-se perpetuando como individualidade, como o processo do "eu". Afirmo que o "eu" é ignorancia, que não possui realidade, nem tão pouco esconde nada de permanente. Tinha dito isto muitas vezes e tenho-o explicado por muitas maneiras, porém, alguns de vós não querem pensar com clareza e, portanto, apegam-se ás suas esperanças e satisfações. Não quereis ser profundamente estrenuos; tendes a esperança de que, por meio do esforço de outrem, os vossos conflitos, as vossas misérias e tristezas serão dissipados, e desejaes que as organizações exploradoras, sejam elas religiosas ou sociaes, se modifiquem miraculosamente. Quando fazeis um esforço, é porque pretendeis um resultado, e esse resultado exclue a compreensão. El dizeis depois: De que vale fazer um esforço se dele eu não obtiver alguma cousa? O vosso esforço, em virtude da carencia, cria outras limitações que destroem a compreensão. A mente está presa neste circulo vicioso, o do esforço feito em virtude da carencia, que mantém a ignorancia: e assim o processo do "eu" torna-se auto-sustentador. As pessoas que juntaram dinheiro, propriedades e qualidades, são rigidas em sua aquisição e incapazes de profunda compreensão; são escravas de seu proprio desejo que cria um sistema de exploração. Se refletirdes, não será difficil compreender isto, porém, o comprehendel-o por meio da ação, exige um vigoroso esforço.

Para alguns dentre vós, o que eu digo é vazio e sem significado; para outros, o vir a estas reuniões é questão de habito; e poucos se interessam vitalmente. Alguns dentre vós, tomam uma ou duas das minhas phrases, separam-nas de seus textos e tentam enquadrar-as dentro do seu sistema particular. Nisto não ha compreensão, e isto só conduzirá a confusão ainda maior.

PERGUNTA: *Se foram os Mestres que fundaram a Sociedade Teosofica, como pôde o senhor dizer que as sociedades espirituaes constituem um impecilho ao entendimento do homem? Ou não se applica isto á Sociedade Teosofica?*

KRISHNAMURTI: É isso que toda a sociedade, seita ou corporação religiosa declara. Os catholicos romanos teem sustentado durante seculos que são os representantes directos do Cristo. E outras seitas religiosas fazem afirmações semelhantes, apenas usando nomes diferentes. De duas uma: ou o seu ensinamento é, em si mesmo, inherentemente verdadeiro, não necessitando, portanto, do apoio de nenhuma autoridade por maior que ela seja; ou, então, só pôde manter-se em virtude dessa autoridade. Se se basear em qualquer autoridade, seja ela a do Buda, a do Cristo ou a dos Mestres, então não tem significado. Torna-se, então, apenas, um meio de explorar o povo, através dos seus temores. Isto está de continuo acontecendo por todo o mundo: o uso da au-

toridade para coagir as pessoas pelo medo — a que dão o nome de amor ou respeito por uma determinada forma de atividade — ou para fundar uma organização religiosa. Ei vós, que quereis felicidade e segurança, seguis sem refletir, e sois explorados. Não investigaes a concepção integral da autoridade. Submeteis-vos á autoridade, á exploração, imaginando que ela vos conduzirá á realidade; o que, porém, vos espera, é sómente confusão e miseria ainda maiores. Esta questão da autoridade é tão sutil que o individuo se engana a si mesmo, dizendo que é de sua escolha voluntaria submeter-se a uma determinada forma de crença ou ação. Onde ha carencia, tem que haver medo e criação de autoridade, acompanhada de suas crueldades e exploração.

Tenho repetido isto em termos diferentes, com muita frequencia. Alguns teem vindo dizer-me que se desligaram desta ou daquela organização. Por certo não é isto a cousa mais importante, embora o desligamento tenha de se dar necessariamente, se houver comprehensão. O importante é saber: Porque entraram? Se poderem descobrir o impulso que os impele a filiarem-se a essas seitas e grupos religiosos e se discernirem o profundo significado desse impulso, eles proprios se absterão de se filiarem a qualquer instituição religiosa. Se analysardes esse impeto, percebereis fundamentalmente que, onde houver promessa de segurança e felicidade, o desejo destas é tão grande que cega a comprehensão, o discernimento, e a autoridade é adorada como um meio de obter a satisfação de muitos anseios.

PERGUNTA: *Sois ou não membro da Grande Loja Branca de Adeptos e Iniciados?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que importa isso? Receio que este país, e especialmente esta costa, esteja inundada por essa especie de misterio que é usado para explorar as pessoas em virtude da sua credulidade e temor. Ha tantos *swamis*, brancos e escuros, que vos falam acerca destas cousas. Que importa realmente se ha ou não uma Loja Branca? E quem mais fala ou escreve acerca destes misterios, senão aqueles que, conciente ou inconcientemente, desejam explorar o homem em nome da fraternidade, do amor e da verdade? Acautelae-vos de taes pessoas. Elas puzeram em movimento superstições incriveis e prejudiciaes. Tenho frequentemente ouvido pessoas dizerem que estão sendo guiadas por Mestres que mandam forças etc. Não sabeis, não podeis perceber por vós mesmos que sois o vosso proprio Mestre, que sois vós que criaes a vossa propria ignorancia, a vossa propria tristeza, que nenhuma outra pessoa póde, por modo algum, libertar-vos do sofrimento, agora ou jamais? Se discernirdes este fato fundamental, esta verdade, esta lei, que sois vós que criaes vossa limitação e tristeza, que vós ajudaes a trazer á existencia um sistema que explora cruelmente o homem e que, em virtude de vossas exigencias internas, dos vossos temores e carencias, são criadas as religiões e outras organizações para a exploração astuciosa, então não mais animareis nem ajudareis a criar esses sistemas. Então cessará a autoridade

de ter qualquer posição significativa na vida; sómente então póde o homem chegar ao seu verdadeiro preenchimento.

Isto exige uma formidável confiança em si proprio. Vós, porém, dizeis: somos fracos e necessitamos ser conduzidos; precisamos de amas. Desta maneira continuaes todo o processo da superstição e da exploração. Se discernirdes profundamente que a ignorancia se está perpetuando pela sua propria ação, então haverá uma profunda mudança em vossas relações para com a vida. Asseguro-vos, porém, que isto exige uma profunda compreensão de vós mesmos.

Setima palestra em Oak Grove

Em 17 de Maio de 1936

Devemos ter frequentemente perguntado a nós próprios, se porventura existe algo dentro de nós que tenha continuidade, um principio vivo que tenha permanencia, uma qualidade que seja perduravel, uma realidade que persista através de toda esta transitoriedade. Em minha palestra desta manhã, vou tentar explicar o que está por detraz deste desejo de continuidade, e ponderar se existe realmente qualquer coisa de permanente.

Eu vos sugeriria que tivésseis a bondade de escutar o que eu disser, com pensamento critico e discernimento.

A vida está a todo o momento em um estado de nascença, de surgir, de vir-a-ser. Neste surgir, neste vir-a-ser por si mesmo, não ha continuidade, nada que se possa identificar como sendo permanente. A vida está em constante movimento, em ação; cada momento dessa ação, jamais existiu anteriormente e jamais existirá de

novo. Cada novo momento, porém, forma uma continuidade de movimento.

Ora, a consciencia forma a sua propria continuidade como individualidade, pela ação da ignorancia, e apega-se, numa ancia desesperada, a essa identificação. Que vem a ser esse algo ao qual cada individuo se aferra, esperando que ele seja imortal, que esconde o permanente ou que para além dele resida o eterno?

Este algo a que cada um se apega é a consciencia da individualidade. Esta consciencia compõe-se de multiplas camadas de lembranças, as quaes vêm á existencia ou se mantêm presentes onde houver ignorancia, ancia e carencia. A ancia, a carencia, a tendencia sob qualquer das suas formas, tem de criar conflito entre si propria e aquilo que a provoca, ou seja o objeto da carencia; este conflito entre a ancia e o objeto, pelo qual se aneia, aparece na consciencia como individualidade. Portanto, é realmente este atrito que procura perpetuar-se a si mesmo. Aquilo que intensamente desejamos que continue, nada mais é que o atrito, a tensão entre as varias fórmulas do aneio e seus agentes provocadores. Este atrito, esta tensão é essa consciencia que sustenta a individualidade.

O movimento da vida não tem continuidade. Está a cada momento, surgindo, vindo á existencia, estando, portanto, num estado de ação, de fluxo perpetuos. Quando o individuo aneia pela sua propria immortalidade precisa discernir qual o profundo significado desse aneio e o que é que se deseja que continue. A continui-

dade é o processo auto-mantenedor da consciencia, do qual surge a individualidade, através da ignorancia que é o resultado da carencia, do anseio; daí provém o atrito e o conflito nas relações mutuas, na moral e na ação.

O processo do "eu", que busca perpetuar-se, nada mais é que acumulo de anseios. Este acumulo e suas lembranças constituem a individualidade a que nos aferramos e que anciamos por imortalisar. As multiplas camadas de lembranças, tendencias e carencias acumuladas, constituem o processo do "eu"; e nós desejamos saber se este "eu" pôde viver para sempre, se pôde ser tornado imortal. Será possivel que estas lembranças auto-protetoras se tornem ou sejam tornadas permanentes? Ou existirá o permanente passando através delas com um fio solido? Ou existirá o eterno para além desse atrito e limitação, que é o processo do "eu"? Desejamos tornar permanentes as limitações acumuladas, ou imaginamos que através dessas camadas de lembranças, de consciencia, existe algo de perduravel. Ou imaginamos ainda que para além destas limitações da individualidade, deve existir o eterno.

Novamente vos pergunto: pôdem as lembranças da ignorancia acumulada, das carencias e das tendencias, de onde surgem o atrito e a tristeza, ser tornadas perduraveis? Esta é a questão Não nos é possivel aceitar profundamente a asserção de que através da individualidade corre algo de eterno, ou que para além desta limitação

existe algo de permanente, pois esta concepção sómente pôde basear-se na crença, na fé, ou naquilo que denominamos intuição e que é quasi sempre preenchimento de desejo. Em virtude das nossas inclinações, esperanças e anseios de auto-perpetuação aceitamos teorias, dogmas e crenças que nos proporcionam a segurança da auto-continuidade. Não obstante, a incerteza profunda continúa, e a ela tentamos fugir buscando a certeza, empilhando crença sobre crença, mudando de um sistema para outro, seguindo instrutor após instrutor, nada mais fazendo, por esse modo, que aumentar a confusão e o conflito.

Ora, eu não desejo criar outras crenças ou sistemas: quero ajudar-vos a discernirdes por vós próprios se existe a continuidade, e a compreenderdes o seu significado.

Portanto, a questão importante é esta: pôde o processo do "eu" ser tornado permanente? Pôde a consciência das tendencias, das carencias e lembranças acumuladas, de onde surge a individualidade, ser tornada permanente? Por outras palavras, pôdem essas limitações tornar-se o eterno? A vida, a energia acha-se em perpetuo estado de ação, de movimento, no qual não pôde haver continuidade individual. Como individuos, porém, anhelamos perpetuar-nos; e quando discernirdes profundamente o que é individualidade, perceberéis que ela nada mais é que o resultado da ignorancia, sustentando-se a si propria por meio de multiplas camadas

de lembranças, de tendências e carencias. Estas limitações tem que inevitavelmente causar tristeza e confusão

Poderão estas limitações a que chamamos individualidade, ser tornadas permanentes? E' realmente isso que a maioria das pessoas procura ao desejar a immortalidade, a realidade ou Deus. Preocupam-se profundamente com a perpetuação de sua propria individualidade. Póde a limitação tornar-se eterna? A resposta é obvia. Se o individuo discernir profundamente a sua evidente transitoriedade, haverá, então, a possibilidade de realizar o permanente, e sómente nisso residem o verdadeiro parentesco, (as relações mutuas), a moral.

Ora, se o individuo puder discernir profundamente o surto do processo do "eu" e se tornar intensamente apercebido do construir das limitações e da sua transitoriedade, então esse mesmo apercebimento produz a sua dissolução; e nisso está o permanente. A qualidade dessa permanencia não póde ser descrita, nem tão pouco póde o individuo procural-a. Ela vem á existencia com o discernir do processo transitorio do "eu". A realidade do permanente só póde vir como um acontecimento, dá-se por si mesma, não póde ser cultivada. O individuo, ou busca o que é permanente, algo que seja perduravel, para além de si proprio, ou tenta tornar-se ele proprio ese permanente. Ambas as concepções são erroneas. Se procuraes o eterno para além de vós mesmos, tendeis a criar ilusões e a ficar presos nelas, elas só vos oferecem meios de fugir da actualidade, e

nisso não póde haver compreensão daquilo que é. O individuo deve conhecer-se a si proprio e, conhecendo-se, será então capaz de discernir se existe ou não a permanencia. Nossa busca do eterno tem que levar-nos á illusão; se, porém, mediante um vigoroso esforço e experiencia, pudermos compreender-nos profundamente a nós proprios, e discernir o que somos, sómente então poderá surgir o permanente — não a permanencia de algo fóra de nós, porém essa realidade que vem á existencia quando o transitorio processo do “eu” não mais se perpetuar.

Para muitas pessoas, o que digo ficará como uma teoria, será vago e incerto; se, porém, discernirdes o seu valor ou o aceitardes como uma hipótese, não como uma lei ou um dogma, então podereis compreender seu ativo significado na vida cotidiana. Nossa moral, nossa conduta, nossos conceitos e anseios estão fundamentalmente baseados no desejo de auto-perpetuação. O “eu” nada mais é que o resultado das lembranças acumuladas, que ocasiona atrito entre si proprio e o movimento da vida, entre os valores definidos e os indefinidos. Este mesmo atrito é o processo do “eu”, e este não póde ser tornado o eterno. Se podermos alcançar isto fundamental e plenamente, então toda a nossa attitude e esforço terão um significado e um proposito diferentes.

Ha duas especies de vontade — a vontade que nasce do desejo, da carencia, do anseio, — e a vontade do discernimento, da compreensão. A vontade resultante do

desejo, baseia-se no esforço conciente da aquisição, seja ela resultante da carencia ou da não-carencia. Este esforço conciente ou inconciente de querer, de aneiar, cria a totalidade do processo do "eu", e daí surgem o atrito, a tristeza e a cogitação do além. Deste processo surge também o conflito entre os opostos e, portanto, o combate constante entre o essencial e o não-essencial, entre a seleção e a não-seleção. E deste processo surgem varias paredes auto-protetoras de limitação, que impedem a verdadeira compreensão dos valores indefinidos. Ora, se nos apercebermos deste processo, e que havemos desenvolvido uma vontade em virtude do desejo de adquirir, de possuir e que essa vontade está criando conflito, sofrimento e dôr contínuas, então dar-se-á, sem esforço conciente, a compreensão da realidade, que pôde ser chamada o permanente.

Discernir que a carencia está presente onde existir ignorancia e, portanto, produz sofrimento, e apesar disso não permitir á mente *adestrar-se* a não querer, é tarefa ingente e difficil. Podemos discernir que o possuir, o adquirir, cria sofrimento e perpetúa a ignorancia, que o movimento do aneio impede o discernimento nitido. Se refletirdes a respeito, perceberéis que é assim. Quando não mais existir carencia nem não-carencia, dar-se-á a compreensão daquilo que é o permanente. É um estado sutil, e difficilimo de compreender; não ser aprisionado entre os opostos entre o renunciar e o aceitar, exige um esforço vigoroso e reto. Se formos capazes de

discernir que os opostos são erroneos, que levam necessariamente ao conflito, então, esse mesmo discernimento, esse apercebimento produz a iluminação. É muito difícil falar a respeito disto, porque, seja qual for o símbolo de que nos sirvamos, tem ele que acordar na mente um conceito que contém em si o oposto. Se, porém, podermos discernir plenamente que, pela nossa ignorancia, criamos tristeza, então não se dará a efetivação do processo do oposto.

O discernir exige reto esforço e sómente nesse reto esforço está a compreensão do permanente.

PERGUNTA: *Todas as pessoas inteligentes são contrarias á guerra; vós, porém, sois contrario á guerra defensiva, tal como a de quando uma nação é atacada?*

KRISHNAMURTI: O considerar a guerra como defensiva e ofensiva é cousa que só nos leva a maior confusão e miseria. O que deveríamos pôr em debate é o ato de matar, seja na guerra, seja pela exploração. O que é, no fim de tudo, a guerra defensiva? Porque uma nação ataca a outra? Provavelmente, a nação que é atacada, provocou o ataque pela exploração economica e a cobiça. Se tratarmos do assunto da guerra, tomando-a como defensiva ou ofensiva, jamais chegaremos a qualquer solução satisfatoria e verdadeira. Trataremos sómente de preconceitos de aquisição. Existe isso a que se chama morrer voluntariamente por uma causa; que, porém, um grupo de pessoas mande outros seres huma-

nos adestrarem-se no matar e ser mortos é cousa barbarissima e deshumana. Jamais fareis esta pergunta sobre a guerra — na qual ha a arregimentação do odio, a mecanização do homem pela disciplina militar — e se é justo matar, seja na defesa ou na agressão, se puerdes discernir por vós mesmos a verdadeira natureza do homem.

Do meu ponto de vista, matar é fundamentalmente um mal, assim como o é o explorar a outrem. Vós, em maioria, horrorisaes-vos á idéia de matar; quando, porém, ha provocação, pegaes em armas. Essa provocação vem por meio da propaganda, pelo apelo ás vossas falsas emoções de nacionalismo, de familia, de honra e prestigio, que são palavras sem profundo significado. Nada mais são que absurdos a que vos acostumastes e por meio dos quaes exploraes e sois explorados. Se refletirdes verdadeira e profundamente acerca deste fato, então prestareis vossa ajuda para o derrubar dessas causas que criam o odio, a exploração e, por fim, a guerra, quer a chameis ofensiva ou defensiva.

Parece que não sentis uma responsividade vital em relação a tudo isto. Alguns dentre vós, tendo sido educados na religião, repetem provavelmente com frequencia a frase de que se deve amar o proximo. Nutris, porém, contra outrem preconceitos tão profundamente arraigados, de nacionalismo e de distinções raciaes, que tendes perdido a responsividade humana e afetiva. O individuo sente-se tão orgulhoso por ser americano ou

de pertencer a determinada raça, e as distinções racial e de classe são tão falsa e cruelmente estimuladas em cada um de nós, que se despreza os estrangeiros, os judeus, os negros ou os asiaticos. Enquanto não nos libertarmos desses preconceitos infantis e absurdos, guerras de varias especies hão de ter lugar. Se vós, que escutaes com discernimento estas palestras, sentirdes e atuardes com compreensão e, em consequencia, vos libertardes dessas idéias limitadoras, prejudiciaes e malevolas, então haverá possibilidade de chegarmos a ter um mundo pacifico e feliz. Isto não é méro sentimentalismo; como, porém, este assunto de exploração e de matança diz respeito a cada um de vós, tendes que fazer vigorosos esforços para libertar a vossa mente dessas idéias auto-impostas de segurança e de perpetuação individual, que criam confusão e miseria.

PERGUNTA: *Não devemos ter alguma idéia do que seja a ação pura? O tornar-se simplesmente apercebido, mesmo que seja profundamente, parece ser um estado negativo da consciencia. Não será essencial a consciencia positiva para a ação pura?*

KRISHNAMURTI: Quereis que eu vos descreva o que é ação pura; a uma tal descrição chamarieis ensinamento positivo. A ação pura deve ser discernida por parte de cada um, individualmente, e não póde haver substituição do verdadeiro em lugar do falso. O discernimento do que é falso produz a ação verdadeira. A

mera substituição ou o possuir uma noção do que seja ação pura, tem que inevitavelmente levar á imitação, á frustração e ás multiplas praticas que destroem a verdadeira intelligencia. Se, porém, discernirdes as vossas proprias limitações, então dessa compreensão resultará a ação positiva.

Se fizerdes experiencias a respeito vereis que esta não é uma attitude negativa perante a vida; ao contrario, a unica maneira positiva de viver, de preencher-se, é discernir o processo da ignorancia que tem de estar presente onde houver anseio, e do qual surgem a tristeza e a confusão. A mente procura uma definição para com ella fazer um molde para si mesma, afim de escapar aquellas reacções da vida que determinam atrito e dôr. Nisto não ha compreensão. Tenho dito isto muitissimas vezes. Internamente, o processo do "eu", com suas solicitações, seus anhelos, suas vaidades e crueldades, persiste e continúa." Na compreensão deste processo — não para que ella traga recompensa, felicidade, mas pelo seu proprio valor intrinseco — reside a verdadeira e esclarecida ação.

PERGUNTA: *Tendes dito que as organizações pretensamente espirituaes são obstaculos ao atingimento da espiritualidade. Porém, no fim de contas, não residem dentro de nós mesmos e não nas circumstancias externas, todos os obstaculos que impedem o atingimento da vida epiritual ?*

KRISHNAMURTI: Nós, pela maior parte, voltamo-nos para as pretendidas instituições espirituaes porque elas nos prometem recompensas; e como, na maioria, buscamos segurança e conforto espiritual, emocional e mental, sob uma ou outra forma, succumbimos ás suas promessas e tornamo-nos instrumentos de exploração, sendo tambem explorados. O descobrir, por si mesmo, se se está encerrado nesta prisão auto-criada e o libertar-se de suas sutis influencias, exige grande discernimento e um reto esforço. Estas organizações surgem e persistem em virtude do nosso proprio aneio egoista de bem estar espiritual e de nossa continuidade e conforto. Taes organizações nada têm em si de espiritual nem tão pouco podem libertar o homem da sua ignorancia, confusão e tristeza.

PERGUNTA: *Se não devemos ter idéaes, se nos devemos libertar do desejo de nos melhorarmos, de servirmos a Deus e aos nossos semelhantes menos afortunados, qual é então o proposito de viver? Porque não morrer e acabar com isto?*

KRISHNAMURTI: O que eu disse relativamente aos idéaes, foi isto: eles tornam-se meios muito comodos de escapar ao conflito da vida, e por isso impedem a compreensão de si proprio. Eu jamais disse que não deveis ajudar os vossos semelhantes menos afortunados.

Os idéaes, porém, atúam como simples padrões de medida; e como a vida desafia a mensurabilidade, deve

a mente libertar-se dos idéaes afim de estar apta a compreender o movimento da vida. Os idéaes são impecilhos, são embaraços. Em vez de meramente aceitar o que eu digo, para depois dizerdes a vós mesmos, que não deveis ter idéaes, procuraes discernir por vós proprios se eles anuviam ou não a vossa compreensão. Quando a mente se liberta de preconcepções, explicações e definições, é que se torna capaz de fazer frente á causa do seu proprio sofrimento, de sua ignorancia e de sua existencia limitada. Portanto, a mente deve preocupar-se com o sofrimento em si e não com o que possa obter da vida. A mera persecução de idéaes, a ancia da felicidade, a busca da Verdade ou de Deus é uma indicação de fuga ao movimento da vida. Não vos preocupeis de qual seja o objetivo da vida, porém, apercebei-vos discerni qual a causa do sofrimento; na dissolução dessa causa reside a compreensão daquilo que é.

PERGUNTA: *Podeis, por favor, explicar-nos o que entendeis pelo enunciado de que mesmo fazer contas póde ser creador? Nós, em maioria, pensamos que só o trabalho construtivo póde ser criador.*

KRISHNAMURTI: Não se refere isto ao modo de como encaraes o trabalho, quer ele seja o de guardar livros, o de cavar a terra, escrever livros ou pintar quadros? Para o homem indolente e desprovido de interesse, todo o trabalho se torna isento de creatividade. Porque perguntar o que é e o que não é trabalho cria-

dor, si pintar um quadro é mais criador do que escrever á maquina ? Preencher-se é ser inteligente; e para despertar a intelligencia é necessario o reto esforço. E o vigor, para este fim, não póde ser artificial; a vida não deve ser dividida em trabalho e realização interna. O trabalho e a vida interna devem estar unidos. A propria alegria do esforço reto abre as portas da intelligencia. O discernir do processo do “eu” é o começo do preenchimento.

Oitava palestra em Oak Grove

Em 24 de Maio de 1936

PERGUNTA: *Poderemos pôr fim á guerra ,orando em prol da paz ?*

KRISHNAMURTI: Não sou de opinião que a guerra possa cessar com a prece. Não é a prece pela paz apenas uma fórmula particular de desafôgo emocional ? Imaginamo-nos incapazes de impedir a guerra e por isso encontramos na prece um allivio a este horror. Supondes que simplesmente rezando pela paz detereis a violencia do mundo ? A prece torna-se sómente uma evasão da actualidade. O estado emocional que dá lugar á prece pôde também ser aproveitado pelos propagandistas para os propositos da guerra, do odio. Da mesma maneira que o individuo reza ardentemente pela paz, assim também, igualmente entusiasmado, pôde ele deixar-se convencer das belezas do nacionalismo e da necessidade da guerra. A prece pela paz é completamente inutil. As causas da guerra são elaboradas pelo homem, e de nada serve apelar para qualquer força ex-

terior em prol da paz. A guerra existe em virtude de causas psicológicas e económicas. Enquanto essas causas não forem fundamentalmente alteradas, a guerra existirá e a prece pela paz não terá valor algum.

PERGUNTA: *Como posso eu viver simples e plenamente, se tenho de analisar-me e fazer o esforço consciente para pensar com profundidade ?*

KRISHNAMURTI: Viver simplesmente é a maior das artes. E' difficilimo, pois requer profunda intelligencia e não apenas uma comprehensão superficial da vida. Para viver intelligentemente e com simplicidade, o individuo deve estar livre de todas as restrições, resistencias e limitações desenvolvidas por parte de cada um para sua auto-protecção, e que impedem as suas verdadeiras relações com a sociedade. Por estar encerrado nessas restrições, nessas paredes de ignorancia, não pôde haver para ele verdadeira simplicidade. Para trazer á existencia uma vida de intelligencia e, portanto, de simplicidade, tem que efetuar-se a derrocada dessas resistencias e limitações. O processo de sua dissolução implica grande reflexão, actividade e esforço. O homem saturado de preconceitos e que é nacionalista, amarrado á autoridade das tradições e dos conceitos, em cujo coração existe o medo, por certo que não pôde viver com simplicidade. O ambicioso, de idéias estreitas, que adora o exito, não pôde viver intelligentemente. Em semelhante pessoa não ha possibilidade de uma espontanei-

dade profunda. A espontaneidade não é mera reacção superficial; é preenchimento profundo, que é simplicidade inteligente de acção.

Ora, a maioria de nós tem paredes de resistencia auto-protetora contra o movimento da vida; de algumas delas somos concientes, de outras não. Pensamos que nos é possível viver simplesmente pelo mero evitar ou negligenciar as que nos são desconhecidas; ou pensamos ainda poder viver plenamente adestrando as nossas mentes de acôrdo com certos padrões de vida. Não é simplicidade o viver isoladamente, apartado da sociedade, ou o possuir poucos bens ou o ajustar-se a determinados principios. Isto é mera evasão á vida. A verdadeira simplicidade da intelligencia, isto é, o ajustamento profundo ao movimento da vida, só advem quando, mediante o apercebimento comprehensivo e correto esforço, começamos a desfazer as multiplas camadas de resistencia auto-protetora. Sómente então teremos a possibilidade de viver espontanea e intelligentemente.

PERGUNTA: *Que pensaes da ambição? É ella uma inflação do ego? Não será a ambição essencial para a acção e a consecução?*

KRISHNAMURTI: Ambição não é preenchimento. A ambição é inflação do ego. Na ambição ha a idéia de consecução pessoal sempre em opposição á consecução de outrem; ha nela o culto do exito, a competição cruel e a exploração de outrem. No despertar da

ambição ha sempre insatisfação constante, destruição e vacuidade; pois no proprio momento do exito ha um fene-
cimento e, portanto, um renovado impulso para ou-
tras consecuçõs. Quando discernirdes profundamente
que a ambição tem dentro de si esta constante luta e an-
gustia, então comprehendereis o que é o preenchimento.
O preenchimento é a expressão fundamental daquilo
que é verdadeiro. Frequentemente, porém, toma-se
equivocadamente uma reação superficial pelo preenchi-
mento. O preenchimento não é apenas para uns pou-
cos, porém exige profunda intelligencia. Na ambição ha
um objetivo e o arrastamento no sentido da sua conse-
cuição; porém o preenchimento implica um ajuste con-
tínuo e a re-educação de todo nosso ser social. Onde ha
ambição ha também a busca da recompensa da parte
dos governos, das igrejas ou da sociedade, ou então ha
o desejo pelas recompensas das virtudes com suas con-
solações. No preenchimento desaparece integralmente
a idéia da recompensa e da punição, pois todo o medo
cessou por completo.

Fazei experiencias relativamente ao que vos estou
dizendo, e discerni por vós mesmos. Vossa vida atual
está eivada de ambição, não de preenchimento. Esfor-
caes-vos por vos tornades alguma cousa em lugar de
vos aperceberdes das limitações que impedem o verda-
deiro preenchimento. A ambição encerra dentro de si
profunda frustração, porém no preenchimento ha extase.

PERGUNTA: *Pertença a uma das sociedades religiosas e quero retirar-me dela, porém fui advertido por um de seus leaders de que se a deixasse o Mestre não mais me ajudaria. Pensaes realmente que o Mestre me fizesse isso ?*

KRISHNAMURTI: Este, vós o sabeis, é o latego do medo que todas as sociedades religiosas utilizam para dominar o homem. Primeiro prometem uma recompensa, neste mundo ou no céu, e quando o individuo começa a compreender a insensatez da idéia da punição e da recompensa, ele é grosseira ou sutilmente ameaçado. Pelo fato de aneiciardes pela felicidade, pela segurança ou pelo que se chama a verdade — e isto nada mais é do que uma fuga da actualidade — sois um juguete nas mãos dos exploradores. As igrejas e outras corporações religiosas têm, através das idades, ameaçado o homem por causa do seu pensamento independente e seu preenchimento. A culpa não é principalmente dos exploradores. As instituições e seus dirigentes são creados pelos seus proselitos, e emquanto desejardes esses auxilios misteriosos e dependerdes da autoridade para o vosso reto esforço e conduta, para a vossa riqueza interna, esta e outras formas de ameaça serão utilizadas e sereis explorados.

Algumas pessoas, vejo, riem facilmente deante desta pergunta, porém receio que também estejam inclusos neste processo de recompensa e punição. Talvez não pertençam a nenhuma sociedade religiosa, mas talvez

procurem suas recompensas da parte dos governos, dos seus vizinhos ou ainda do círculo imediato de seus amigos e parentes. Assim, em virtude de sua ancianidade, sutil ou inconscientemente engendram temor e ilusões que abrem fácil caminho á exploração.

Sabeis que esta idéa de seguir um Mestre é completamente errônea e inteiramente desprovida de intelligencia. Tenho recentemente e com bastante frequência, explicado a tolice dessa idéa de ser-se guiado, de cultuar-se a autoridade, porém, ao que parece, o interrogante e outras pessoas não comprehendem o seu profundo significado. Si se esforçassem por discernir, sem preconceito, perceberiam o grande mal que reside nesta concepção. Só o discernimento os pôde livrar do cativeiro de seu pensar habitual. Pelas religiões e pelas corporações religiosas são-vos oferecidos romantismos e escapulas e deixaes aprisionar-vos por essas cousas. Quando, porém, descobrires sua completa ausencia de valor, verificareis que vos haveis comprometido e entregue financeira e psicologicamente, e, em lugar de abandonardes essas cousas absurdas, tentaes buscar excusas para as vossas crenças e cometimentos. Por essa maneira encorajaes e mantendes todo um sistema de exploração, com suas cruéis estulticies. A não ser que discernirdes fundamentalmente que ninguém, verdadeiramente, vos pôde libertar de vossa ignorancia e das atividades auto-mantenedoras que lhe são implicitas, ficareis peiados nessas organizações, e o temor, com suas

multiplas illusões e tristezas, continuará existindo. Onde houver temor, tem que haver formas grosseiras ou sutis de exploração e sofrimento.

PERGUNTA: *Tendes muitos interpretes e companheiros de juventude que criam a confusão em nossas mentes, por dizerem que tendes um proposito — bem conhecido deles, porém não revelado por vós ao publico. Esses individuos arrogam-se o conhecimento de fatos especiaes relativamente a vós, ás vossas idéias e ao vosso trabalho. A' vista de suas palavras, eu experimento ás vezes o sentimento de que eles são realmente antagonistas vossos e das vossas idéias, porém, eles professam uma ardente amizade por vós. Estarei enganado nisto, ou estarão eles vos explorando para justificar as suas ações e as instituições a que pertencem ?*

KRISHNAMURTI: Porque existem esses interpretes ? Que ha de tão difficil no que eu digo que o não possaes compreender por vós mesmos ? É que vós outros voltaes-vos para os interpretes e os comentadores, porque não quereis pensar plena e profundamente. Por buscardes a outrem para que se vos tire das vossas perturbações, da vossa confusão, necessariamente alimentaes a tendencia de criar autoridades e interpretes, que apenas aumentam mais a confusão do vosso pensamento. Depois, após haverdes sido confundidos, fazeis-me esta pergunta. Vós proprios estaes criando estes interpretes e deixando que vos confundam.

Agora, com relação aos meus companheiros do passado, lamento termo-nos separado, eles e eu, ha muito tempo. Ha alguns amigos recentes que trabalham comigo e me ajudam, porém, os companheiros de minha juventude, como eles proprios se denominam, pertencem ao passado. Amizade e cooperação profunda só podem existir onde ha verdadeira compreensão. Como pôde haver verdadeira cooperação e ação da amizade entre um homem que pensa que a autoridade é necessaria e outro homem que considera a autoridade uma coisa perniciososa ? Como poderá haver companheirismo entre um homem que pensa que a exploração faz parte da natureza humana e outro que sustenta ser ela feia e perversa ; entre um homem preso por crenças, teorias e dogmas e um outro que discerne a sua falsidade ? Como pôde existir qualquer trabalho em comum entre o homem que cria e anima o nevrotismo e aquele que tenta destruir-lhe a causa ?

Não tenho ensinamento reservado ; não tenho aulas reservadas. O que digo aqui ao publico é o que repito em minhas conversas e entrevistas com quaesquer individuos. Porém esses auto-inculcados companheiros e interpretes têm suas pedras de afiar e vós gostaes de ser afiados. Podeis rir, porém é isto exatamente o que está acontecendo. Vindes escutar-me e depois voltaes aos vossos leaders para que vos interpretem o que eu digo. Não tomaes em consideração o que eu digo para refletirdes plenamente por vós mesmos. Certamente que se

refletissemos por vós mesmos acerca do que estou dizendo, seria muito mais direto e claro. Quando, porém, principiaes a pensar por vós mesmos, clara e directamente, a acção tem que seguir-se; e, para evitardes a acção drastica é que vos voltaes para os vossos dirigentes, que vos ajudam a não agir. E assim, em virtude do vosso proprio desejo, e não agindo claramente, sustentaes esses interpretes com suas posições, suas autoridades e seus sistemas de exploração.

O que tem profunda importancia é que vos libertes de crenças, dogmas e limitações, afim de poderdes viver sem conflito com outro individuo, com a sociedade. As verdadeiras relações, a moral, é sómente possível quando as barreiras e resistencias forem inteiramente dissolvidas.

PERGUNTA: *Se todo o processo da vida é energia auto-ativa, como pude compreender pelas vossas palestras precedentes, essa energia, a julgar pelas suas criações, deve ser super-inteligente, muito para além da compreensão humana. Que papel desempenha, pois, o intellecto humano no processo da vida? Não seria melhor deixar essa energia criadora operar em nós e através de nós, e não interferir nela, por meio do intellecto humano? Por outras palavras, "deixae Deus agir", como diz o Pai Divino.*

KRISHNAMURTI: Receio que o interrogante não haja compreendido o que tenho vindo a dizer. Eu disse

que existe energia, força, unica para cada individuo. Não a qualifiquei; não disse que ela é super inteligente ou divina. Disse que por meio de seu desenvolvimento auto-ativo ela cria sua propria substancia. Pela sua propria ignorancia cria limitação e tristeza para si mesma. Não se trata de deixar algo de super-inteligente agir através de sua criação, que é o individuo. Só existe consciencia, sob a forma de individuo, e a consciencia é criada por esse atrito entre a ignorancia, o anseio e o objeto do desejo. Ao refletir sobre isto discernireis que sois integralmente responsaveis pelos vossos pensamento e ações e que não existe alguma outra coisa agindo através de vós. Se vos tiverdes, a vós e a outros seres humanos, como meros instrumentos nas mãos de outras energias e forças por vós desconhecidas, receio que se-jaes joguete de ilusões, decepções, confusão e tristeza. Como pôde uma força ou inteligencia superior agir através de um homem cuja mente-coração se acha limitada, deturpada ?

Sabeis bem que isto é uma idéia falsissima por nós desenvolvida, para não descermos ao fundo de nós mesmos e descobrirmos o nosso ser. O conhecermo-nos exige constante reflexão e esforço, porém poucos de nós sentem o ardor de discernir e por isso baldadamente nos esforçamos por nos tornarmos comodos instrumentos de qualquer super-inteligencia, — Deus. Esta concepção existe sob formas variadas por todo o mundo. Se realmente pensardes fundamentalmente a respeito disto ve-

reis que, se fosse verdade, não estaria o mundo nesta condição caotica, desprovido de intelligencia, condição de odio e de miseria. Nós mesmos creámos esta confusão e tristeza pela ignorancia de nós mesmos, pelo aneio e pelas resistencias de auto-proteção, e sómente nós podemos derrubar essas limitações e barreiras que causam a miseria, o odio e a falta de ajustamento á ação da vida.

Como esta é a ultima palestra aqui, gostaria de fazer um ligeiro resumo do que tenho dito durante estas ultimas poucas semanas. Aqueles dentre vós, realmente interessados, podem refletir acerca disto, fazer experiencia e tirar a prova da verdade por si proprios, de modo a não seguirem a ninguem, nenhum dogma, nenhuma explicação, nenhuma teoria. Do discernimento advirá a compreensão e a felicidade.

Existe a contradição de idéias, de teorias, ha confusão criada pelas constantes afirmações dos dirigentes a respeito do que é e do que não é. Alguns deles dizem que Deus existe, outros que não existe. Alguns sustentam que o individuo vive após a morte; os espiritas proclamam haver provado que existe a continuação da mente individual — outros dizem que só existe o aniquilamento. Alguns acreditam na reencarnação, outros negam-na. Empilha-se teoria sobre teoria, incerteza sobre incerteza, afirmação sobre afirmação. O resultado de tudo isto é que o individuo fica integralmente incerto; ou então, o individuo fica tão cercado, tão limitado

por conceitos e formas de crenças particulares que recusa ponderar sobre o que realmente é verdadeiro.

Ou estaes incertos, confusos, ou estaes certos em vossa crença, em vossa forma particular de pensamento. Ora, para o homem que está verdadeiramente incerto, ha esperança; para o homem, porém, que está incrustado na crença, naquilo que ele chama intuição, ha mui pouca esperança, pois fechou a porta á incerteza, á duvida, e acha repouso e consolação na segurança.

Imagino que a maioria de vós que aqui vindes estaes incertos, confusos, portanto, profundamente desejosos de comprehender o que é a realidade, o que é a verdade. A incerteza engendra o medo, o qual dá nacimiento ao desanimo e á anciedade. Depois, conciente ou inconcientemente, começa o individuo a fugir desses temores e suas consequencias. Observae os vossos pensamentos, e surpreendereis este processo em operação. A' medida que anciaes por vos assegurardes do proposito da vida, do além, de Deus, começaes a vos aperceber dos vossos desejos, por meio dessa investigação, sobrevem a duvida, a incerteza. Depois, essa mesma duvida e incerteza eriam o medo, o isolamento, a vacuidade ao vosso redor e em vós mesmos. Isto é um estado necessario para a mente, porque então ella querera defrontar e comprehender a realidade. Porém, o sofrimento implicito neste processo é tão grande que a mente procura abrigo e cria para si mesma o que ella chama intuições, conceitos, crenças e agarra-se a essas coisas desesperadamente, com

esperança de encontrar certeza. Este processo de fuga da atualidade, da incerteza, tem que necessariamente conduzir á ilusão, á anormalidade, ás nevroses e ao desequilíbrio. Mesmo que aceíteis essas intuições, essas crenças, e nelas tomeis abrigo, se, apesar disso, vos examinardes a vós mesmos com profundidade, verificareis que existe ainda o medo, pois a incerteza continúa.

Este estado vital de incerteza, isento do desejo de a ele escapar é o início de toda a verdadeira busca da realidade. O que é que realmente estaes procurando? Só pôde haver um estado de compreensão, uma percepção direta daquilo que é, da atualidade, pois, a compreensão não é um fim, um objetivo a ser atingido. O discernimento do processo efetivo do “eu”, do seu vir-a-ser e de sua verdadeira dissolução é o começo e o fim da busca.

Para entender aquilo que é, deverá a compreensão principiar pela de nós mesmos. O mundo é uma série de processos indefinidos, variados, que não podem ser plenamente compreendidos, pois cada força é única em si mesma e não pôde ser verdadeiramente perceptível em sua totalidade. O processo integral da vida, da existência no mundo, depende inteiramente de forças únicas e só o podereis compreender por meio desse processo que se acha focalizado no individuo sob a forma de consciencia. É possível alcançardes superficialmente o significado de outros processos, porém, para compreender a vida plenamente, necessitaes entender o processo ope-

rante em vós sob a forma de consciencia. Se cada qual de nós, profunda e significativamente, compreender este processo que opéra sob a forma de consciencia, então nenhum de nós lutará para si mesmo, existirá para si ou se preocupará comsigo. Presentemente, cada qual preocupa-se comsigo proprio, lutando para si e agindo anti-socialmente, por não se compreender a si mesmo plenamente; e é sómente pela compreensão de nossa força unica como consciencia, que ha a possibilidade de compreender o todo. Quando plenamente discernirdes o processo do “eu”, cessareis de ser uma vitima que luta sozinha no vacuo.

Ora, esta força é unica, e em seu auto-desenvolvimento torna-se consciencia, de onde surge a individualidade. Por favor, não aprendaes esta frase de cór, porém, antes pensae a respeito, e assim verificareis que esta força é unica para cada um e mediante seu desenvolvimento auto-ativo, torna-se consciencia. O que é esta consciencia ? Ela não póde ter localisação alguma, e tão pouco ela póde dividir-se em superior e inferior. A consciencia compõe-se de multiplas camadas de lembranças, de ignorancia, de limitações, de tendencias e anseios. Ela é discernimento e tem o poder de compreender os valores ultimos. É o que nós chamamos individualidade. E não me pergunteis: Nada mais existe além disto ? Isso será discernido quando o processo do “eu” houver terminado. O que importa é conhecer-se a si mesmo, e não saber o que está para além.

Vós apenas procuraes recompensa para os vossos esforços, algo a que vos possaes apegar em vosso presente desespero, incerteza e temor, que evidenciasaes ao perguntar: Existe algo para além deste “eu”?

Ora, a ação é esse atrito, essa tensão que se dá entre a ignorancia, o anseio e o objeto de seu desejo. Esta ação sustenta-se a si propria e é isso que dá continuidade ao processo do “eu”. Portanto, a ignorancia, pelas suas atividades auto-sustentadoras, perpetua-se sob a forma de consciencia, que é o processo do “eu”. Estas limitações auto-creadas impedem as verdadeiras relações com outros individuos, com a sociedade. Estas limitações isolam o individuo, e por isso surge o medo constantemente. Esta ignorancia, no que a nós respeita, cria sempre o medo, com suas multiplas ilusões, e daí decorre a busca da união com o superior, com qualquer intelligencia super-humana, com Deus, e assim por diante. Deste isolamento provém a persecução de sistemas, de metodos de conduta, de disciplinas.

Pela dissolução destas limitações começaes a discernir que a ignorancia não tem principio, que se mantém a si propria pelas suas proprias atividades, e que este processo só póde finalizar pelo reto esforço e a reta compreensão. Podeis pôr isto á prova mediante a experiencia e discernir por vós proprios, que o processo da ignorancia é isento de começo, e discernir a sua terminação. Se a mente-coração estiver presa por qualquer preconceito particular, sua propria ação tem que

criar outras limitações, e, portanto, produzirá maior tristeza e confusão. Assim perpetua ela sua propria ignorancia e suas proprias tristezas.

Se vos tornardes plenamente cognoscentes desta actualidade, mediante a experiencia, então dar-se-á a comprehensão do que seja o "eu", e o esforço reto pôde pôr-lhe termo. Este esforço é o apercebimento no qual não ha selecção ou conflito de opostos, uma parte da consciencia vencendo a outra parte, um preconceito sobrepujando o outro. Isto exige um pensamento vigoroso que libertará a mente de temores e limitações. Sómente então haverá o permanente, o real.

THE STAR PUBLISHING TRUST

2123, North Beachwood Drive, Hollywood, California, U. S. A.
Crown House, 147, Regent St., London, W. 1., Inglaterra.
Vasanta Vihar, Adyar, Madras, India.
Ommen (O), Hollanda.

LISTA DE AGENTES E RESPECTIVOS IDIOMAS DAS PUBLICAÇÕES

CHECOSLOVACO

Mr. Joseph Skuta, Brafova, 1732, Moravska Ostrava —
Tcheco-Slovakia.

DINAMARQUEZ

Mr. E. J. Wiboltt, Gl. Kongevej 86-A, Copenhagen — *Di-*
namarca.

HOLLANDEZ

Mr. H. F. Willemsem, Tjijoeroeg, Java — *Indias Hollan-*
dezas.

Mr. M. Ch. Bouwman, Reelaan 10, Den Dolder — *Hollanda.*

INGLEZ

Mr. John Mackay, "Myola", 2, David St., Mosman, N. S. W.
Australia.

The Star Publishing Agency, 147, Regent St., London, W. I.
— *Itas Britannicas.*

Mr. N. A. Naganathan, 338, Dalhousie St., Rangoon —
Burma.

Mr. Jack Logie, 420, Vancouver St., Victoria, B. C. —
Canadá.

S. P.T. Vasanta Vihar, Adyar, Madras — India.

Mrs. T. Tidswell, 66, Williamson, St., One Tree Hill, Auckland,
S. E. 3 — *Nova Zelandia.*

Miss Margaret Williamson, 939, Church Str., Pretoria —
Africa do Sul.

S. P. T. Office, 2123, N. Beachwood Drive, Hollywood,
California. — *Estados Unidos.*

FINLANDEZ

Miss Helmi Jalovaara Katajanokank, 8 D, Helsinki —
Finlandia.

FRANCEZ

Mrs. L. Stadtsbaeder, 114, Rue de Theux, Bruxellas —
Belgica.

Mr. E. Bondonneau, 4, Square Rapp, Paris, VII — *França.*

ALLEMAO

Dr. Richard Weiss, Schelleingasse, 9, vii-6, Vienna, IV —
Austria.

Dr. Annie Vigeveno, 7, Victoriastasse, Berlin-Neubabels-
berg — *Allemanha.*

Miss Esther Kern, al Mirto, Minusio-Locarno — *Suissa.*

GREGO

Mr. N. Carvounis, 20, Homer St., Athenas — *Grecia.*

HUNGARO

Mrs. Ella von Hild, Nemetvolgyiut 4. 2. 1, Budapest, 1 —
Hungria.

ISLANDEZ

Mrs. A. Sigudardottir Nielsson, Laugarnes, Reikjavik —
Islandia.

ITALIANO

Mr. Grant A. Greenham, Post Office Box 155, Trieste —
Italia.

LATONIANO

Miss Vera Meyer Klimenko, Baznicas iela 34 dz. 8, Riga
— *Latonia.*

NORUEGUEZ

Dr. Lilly Heber, Post Office Box 34, Blommenholm. —
Noruega.

POLONEZ

Countess H. Potulicka, Hruszniew, p. Platerowo, Woj. Lubelskie — *Polonia.*

RUMAICO

Mr. Silviu Rusu, Piata Lahovary n. 1-A Bucharest III —
Romania.

SUECO

Miss Perstin Bohlin, Valhallavagen, 134, Stockholm — *Suecia.*

FUNDACIÓN HISPANO-AMERICANA SAPIENTIA (Idioma hespanhol)

Sr. F. Rovira, Apartado n.º 867, Madrid, Hespanha.

AGENTES

Sr. José Carbone, Avenida de Mayo, 1370, Buenos Aires —
Argentina.

Sr. Armando Hamel, Casilla de Correo 3603, Santiago —
Chile.

Sr. Antonio Gallego Gonzalez, Cienaga, Magdalena —
Colombia.

Sra. Edith Field de Povedano, Apartado 206, San José —
Costa Rica.

Dr. Damaso Pasalodos, Obrapia 32, altos, Havana — *Cuba.*

Sr. Ramon Aviles, la Calle Poniente, n.º 29, San Salvador —
El Salvador.

Sr. F. A. Fopp Corriols, Apt. 212, Pasaje Rubio 3 piso,
Guatemala — *Guatemala.*

Sr. R. Ramirez Delgado, Libreria "Ruben Dario", Tegucigalpa — *Honduras.*

Sr. Agustin Garza Galindo, Apartado 1475, Mexico D. F. —
Mexico.

Sr. Pedro Fajardo, 6-A Calle Noroeste, Managua — *Nicaragua.*

- Sr. B. Checa Drouet, Apartado 2390, Lima — *Perú*.
 Sr. Enrique Biascoechea, Apartado n.º 952, San Juan —
Puerto Rico.
 Sra. F. M. viuda de Carbonell, Dr. Delgado, 16, S. Do-
 mingo — *Rep. Dominicana*.
 Sr. Alvaro A. Araujo, Apartado 147, Montevideo — *Uru-
 guay*.

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
 (Lingua portugueza)

- Sr. A. A. de Souza, Secretario, Avenida Rio Branco n. 117,
 2.º and., Sala 203. — Rio de Janeiro, Brasil.

AGENTES

- Mrs. Nada Glover — Praça da Sé, 53, sala 56 — S. PAULO.
 Sr. A. A. Martins Gomes — Banco do Brasil, Curitiba. —
 PARANA'.
 Sr. Mauricio Pitanga — Rua Dr. J. J. Seabra, 324 —
 S. Salvador — BAHIA.
 Dr. Valmiki de Albuquerque — Rua 24 de Maio, 710, For-
 taleza, CEARA'.
 Sr. Gabriel Hermes Filho — Av. Independencia, 171, Belém,
 PARA'.

LIVROS JA' PUBLICADOS EM PORTUGUEZ

Experiencia e Conducta (folheto)	1\$500
Palestras em Ankland (exgotado)	6\$000
" " Ojai — 1934 (exgotado)	6\$000
" " New York — 1935	5\$000
Collectanea de Palestras (1930-1935)	4\$000
Palestras no Brasil (1935)	4\$000
" " Uruguay e Argentina (1935)	6\$000
" " Chile e Mexico (1935)	6\$000
" em Ojai (1936)	4\$000
(Remette-se PELO CORREIO sob registro).	

A maioria destes livros podem ser obtidos em inglez (origi-
 nal) e outras linguas por intermedio das Agencias do Star-Trust,
 indicados nas paginas anteriores.

Para mais informações dirijam-se á
 INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI



Est. Graph. "Cruzeiro do Sul"